

ARTHUR AZEVEDO

A

FANTASIA

REVISTA FLUMINENSE DOS ACONTECIMENTOS
DE 1896, EM 1 PROLOGO, 2 ACTOS
E 13 QUADROS

Musica de ASSIS PACHECO



RIO DE JANEIRO

Casa Mont'Alverne, rua do Ouvidor 82

1896



Peças originaes de Arthur Azevedo

- *Amor por annexins*, comedia em 1 acto.
O anjo da vingança, drama em 3 actos, de collaboração com Urbano Duarte.
- 1897
A95
#3
1896
- *O barão de Pituassú*, comedia-opereta em 4 actos.
• *O Bilontra*, revista de 1885, em 1 prologo e 3 actos, de collaboração com Moreira Sampaio.
• *O Carioca*, revista de 1886, em 1 prologo e 3 actos, de collaboração com Moreira Sampaio.
• *Cocota*, revista de 1884, em 4 actos, de collaboração com Moreira Sampaio.
Casa de oratés, comedia em 3 actos, de collaboração com Aluizio de Azevedo.
• *A Donzella Theodora*, opereta em 3 actos.
E mettam-se! comedia em 1 acto.
Entre o vermouthe e a sopa, comedia em 3 actos.
• *O Escravocrata*, drama em 3 actos, de collaboração com Urbano Duarte.
• *Fritzmac*, revista de 1888, em 1 prologo e 3 actos, de collaboração com Aluizio Azevedo.
O Homem, revista de 1887, em 3 actos, de collaboração com Moreira Sampaio.
Joanico, opereta em 1 acto.
• *A joia*, comedia em 3 actos, em verso.
Kellar e Fagundes, entre-acto comico.
O Liberato, comedia em 1 acto.
• *O Major*, revista de 1894, em 1 prologo e 3 actos.
• *O mandarim*, revista de 1883, em 1 prologo e 3 actos, de collaboração com Moreira Sampaio.
• *A Mascotte na roça*, comedia em 1 acto.
• *Mercurio*, revista de 1886, em 3 actos, de collaboração com Moreira Sampaio.
Uma noite em claro, comedia em 1 acto.
• *Os Noivos*, opereta em 3 actos.
A pelle do lobo, comedia em 1 acto.
• *A princeza dos Cajueiros*, opereta em 3 actos.
Pum! opereta em 3 actos e 6 quadros, de collaboração com Eduardo Garrido.
• *Republica*, revista de 1889, em 1 prologo e 3 actos, de collaboração com Aluizio Azevedo.
O Rio de Janeiro em 1877, revista em 1 prologo e 3 actos, de collaboração com Lino de Assumpção.
• *O Tribofe*, revista de 1891, em 3 actos.
• *Uma vespera de Reis na Bahia*, opereta em 1 acto.
• *Viagem ao Parnaso*, revista de 1890, em 3 actos.

As peças com o signal • estão publicadas,

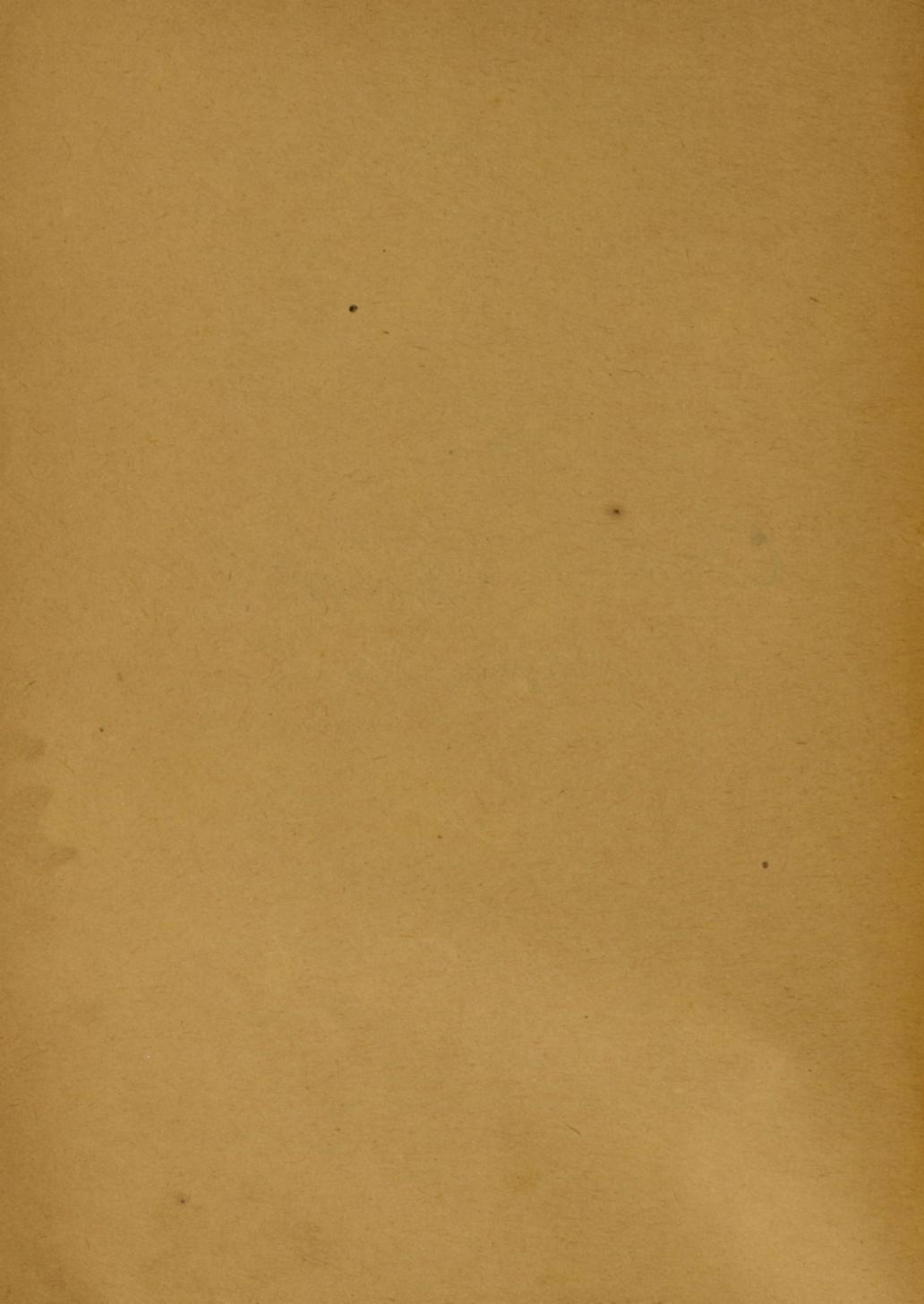


Orestes Coliva

Insigne artista e distinto cavalheiro

O. D. C.

Arthur Azevedo.



Publicando esta peça, o auctor julgou desnecessario pôr em grypho, ou indicar por outra fórma qualquer, alguns versos, que toda a gente conhece, de Thomaz Ribeiro e Casimiro de Abreu, bem como certas incorrecções de linguagem, propositalmente empregadas.

Não figuram n'este folheto certas alterações que as conveniencias da scena aconselharam.



ARTHUR AZEVEDO

A
FANTASIA

REVISTA FLUMINENSE DOS ACONTECIMENTOS
DE 1895, EM 1 PROLOGO, 2 ACTOS
E 13 QUADROS

Musica de ASSIS PACHECO



RIO DE JANEIRO
Casa Mont'Alverne, rua do Ouvidor 82.
1896

PERSONAGENS

A Fantasia, Mária, a Moda, a Cigarra, Mulatinho, a Intendencia Municipal.....	D. A. Lopiccolo.
Minhalmaé triste....	» Clelia.
Ajudia.....	» Edelvira.
A Imprensa Fluminense.....	» Concetta.
Uma Sogra, a Parte Commercial, Elle-ella.....	» Ignez Gomes.
Outra Sogra, uma Senhora....	» Laura Brazão.
Euterpe, outra Senhora.....	» Granada.
Clio, Uma Professora publica..	» M. Grillo.
Carlos, Apollo, Amoremedo, o Dr. Antonio, o Manifesto restaurador, Ella-elle.....	Sr. Colás.
Um Empreziario, D. Jayme....	» Peixoto.
O Commendador Eranoutomno	» Portugal.
O Homem das mangas, o <i>Diario de Noticias</i> , Trancoso, um Critico musical.....	» Rocha.
Manoel, Sancho Pança, Basilio da Gama, Um Viajante..	» Galvão.
O Artigo de fundo.....	» Araujo.
O Folhetim romance, outro Critico musical.....	» Motta.
Dom Quixote, o Obituario, um Inglez.....	» Rossi.
Phaetonte, um Soldado, o Noticiario, um Credor Municipal.....	» Biar.
Um Servo do Parnaso, outro Soldado, o Folhetim Litterario, outro Credor Municipal.	» Castro.

Musas, Poetas, Senhoras, Sogra, Telegrammas, Anuncios, Apedidos, Avisos, Declarações, Crianças, Credores da Intendencia Municipal, Pessoas do povo etc.

Bailados compostos pelo Sr. Vettuli e dansados pelo mesmo artista e pelas Sras. Angelina Vittuli e Carolina Brozio.

Scenarios dos Srs. Orestes Coliva, Carrancini, Camões e Affonso Silva.—Ensaizador, Sr. Adolpho A. de Faria.—Regente da orchestra, Sr. A. Capitani.

6326.

A FANTASIA

PROLOGO

QUADRO I

Aposento de rapaz solteiro, servindo ao mesmo tempo de quarto de dormir. A' direita uma cama com cortinado e á esquerda uma meza com preparos para escrever. Estante de livros e janella ao fundo. E' noite.

SCENA PRIMEIRA

CARLOS.

(Ao levantar o panno, Carlos está sentado á meza, escrevendo diante de um lampeão acceso. Depois de algum tempo, deixa a penna e declama.)

Decididamente não posso concluir hoje esta scena! Estou pouco inspirado! Demais, não me habituei ainda a esta casa de pensão, para a qual me mudei ha apenas tres dias. Eu morava n'um céo aberto, mas—que querem?—um dos quartos, ao lado do meu, era occupado por um imitador do Frégoli, que teve a habilidade de me desalojar em tres tempos! — São

apenas oito horas... Tentemos... (*Péga na penna. Ouve-se perto a voz de um visinho que imita o artista Frégoli quando cantava com voz de soprano.*) Heim?... Outro?!... Outro Frégoli!— (*Erguendo-se.*) Um visinho!.. (*Deixando-se cahir sentado na cama.*) Que fatalidade, meu Deus, que fatalidade!... Que me resta agora?... Mudar-me outra vez : são os incommodados que se mudam... Dir-se-ia que é o mesmo ! Os imitadores do Frégoli parecem-se todos uns com os outros ! (*Deita a cabeça entre as mãos até que cesse a voz.*) Felizmente ! Ora a minha desgraça ! (*Ergue-se e vai de novo sentar-se á meza.*) Demais, falta-me o estímulo... Não sei ainda se o meu primeiro drama será representado, e já estou escrevendo outro... (*Levantando-se e vindo ao proscenio.*) Oh ! o meu primeiro drama! — Intitula-se *Lgrimas de sangue*; tem um prologo, cinco actos, doze quadros e um epilogo. Levei-o ante-hontem a um empresario novo, que pretende regenerar a arte dramatica na rua da Ajuda, justificando assim a nova denominação que deram á Phenix : «Theatro Nacional». Elle ficou de me trazer hoje a resposta, mas até estas horas não appareceu e já agora é provavel que não appareça... Receio que o drama lhe desagradasse : é muito sombrio, muito triste, não tem elemento comico... Eu devia ter-lhe posto elemento comico, mas — que querem? — não dou para o genero, falta-me a fantasia, não sei fazer rir. A minha divisa de escriptor dramatico é : « sempre chorando ». (*Batem á porta da esquerda.*) Bateram. Será elle? Qual ! a estas horas ! Mas quem será ? (*Vae abrir.*) E' elle mesmo !.. (*Entra o Empresario.*)

SCENA II

CARLOS, O EMPREZARIO.

O EMPREZARIO, *com um rôlo de papel na mão, apontando para a mesa.* — Bravo! trabalhava-se!

CARLOS. — Um pouco. Folgo muito de vel-o n' esta casa. (*Dá-lhe uma cadeira.*) Queira sentar-se.

O EMPREZARIO, *sentando-se.* — Desculpe-me não ter vindo mais cedo. Só ha pouco, depois de jantar, pude concluir a leitura da sua peça.

CARLOS, *sentando-se.* — Que lhe pareceu?

O EMPREZARIO. — Magnifica! Fez-me rir de principio a fim!...

CARLOS. — Heim?

O EMPREZARIO. — Um peção! A ultima phrase é um achado, um verdadeiro achado! (*Levantando-se para declamar a phrase.*) « Está premiada a virtude e castigado o vicio! » (*Torna a sentar-se, rindo ás gargalhadas.*)

CARLOS. — Perdão!

O EMPREZARIO. — Ainda não vi parodia mais divertida!

CARLOS. — Parodia!

O EMPREZARIO. — Pois então o que é a sua peça senão a parodia de quanto dramalhão se tem representado no Rio de Janeiro? (*Batendo no rôlo com muita convicção.*) A verdadeira parodia é isto!

CARLOS, *aparte.* — E' melhor não contrarrial-o...

O EMPREZARIO. — Mas, meu amigo, deixe-

me falar com toda a franqueza: o publico não está habituado a este genero, e eu receio que elle não comprehenda a peça... e a tome a serio.

CARLOS, *parvamente*. — A serio?

O EMPREZARIO. — Sim; receio que o publico supponha que o senhor não escreveu a sua peça para fazer rir. Fal-a-ei representar mais tarde, quando o theatro estiver encarreirado...

CARLOS, *desanimado*. — Ah! bem, isso quer dizer que...

O EMPREZARIO, *atalhando*. — Não desanime, com todos os diabos! Não desanime, porque eu venho encommendar-lhe outra peça!

CARLOS. — Devéras?

O EMPREZARIO. — E' como lhe digo. O senhor nas *Lgrimas de sangue* revela muita graça, muito espirito satyrico...

CARLOS, *aparte*. — E elle a dar-lhe!...

O EMPREZARIO. — O senhor vae escrever uma revista de anno!

CARLOS. — Eu?!!

O EMPREZARIO. — O senhor, sim! Quem escreve as *Lgrimas de sangue*, leva as lampas ao auctor dos *Pontos nos is*!

CARLOS, *modestamente*. — Oh!

O EMPREZARIO. — Metta mãos á obra, e a sua revista inaugurará os trabalhos da minha empreza!

CARLOS. — E as suas idéas de regeneração do theatro?

O EMPREZARIO. — Pois o senhor não me offereceu uma parodia?

CARLOS. — Perdão, mas...

O EMPREZARIO. — A regeneração virá a

seu tempo. *Primo vivere, deinde... regenerare.*
Roma não se fez n'um dia !

CARLOS. — Mas por amor de Deus ! sem fantasia não se pôde escrever uma boa revista de anno, e eu não tenho fantasia...

O EMPREZARIO. — Não tem fantasia ? não tem fantasia ? Ora essa ! (*Batendo no rólo.*) Nas *Lagrimas de sangue* o que não falta é fantasia ! Oh ! pois não tem fantasia um humorista que escreve aquella scena das punhaladas ? (*Muito naturalmente.*) Eu nunca vi tanta fantasia em theatro...

CARLOS, *aparte*. — E eu contava com effeitos de tragedia !

O EMPREZARIO. — E aquella phrase ? — «Desgraçado ! não mates os meus filhos ! Lembra-te que um d'elles é tua filha !» Vamos ! Vamos ! sente-se e escreva ! (*Erguem-se ambos.*)

CARLOS. — Já ? !

O EMPREZARIO. — Pois então ? Não ha tempo a perder. São apenas oito horas. Tem toda a noite por si. Amanhan de manhan aqui estarei para ver o que tiver feito. — Ora essa ! não tem fantasia ! O senhor tem fantasia para dar e vender ! Assim tivesse eu fantasia !...

COPLAS

I

Sente-se á mesa n'um instante !
Tinta alli está, penna e papel !
A fantasia saltitante
Não poderá ser-lhe infiel !
Mas se de todo ella se ausenta,
Grande cuidado não lhe dê,
Pois no que ahi se representa
Esse tempero ninguem vê !

Pimenta, sim, muita pimenta,
E quatro, ou cinco, ou seis lundus,
Chalaças velhas, bolorentas,
Pernas á mostra e seios nus...
E quando a peça emfim termine,
Se alguma coisa lhe faltar,
Para o Coliva e o Carrancini
Nós poderemos appellar.

CARLOS. — Assim... de sopetão... sem es-
corvar o espirito, é impossivel...

O EMPREZARIO. — Não ha impossiveis,
mancebo !

CARLOS. — Não tenho uma idéa... um
ponto de partida...

O EMPREZARIO. — Um ponto de partida ?
(*Pensando.*) Deixe-me ver se o auxilio... Vou
dar-lhe uma idéa que ainda não foi explorada
por nenhum revisteiro... Faça passar a sua
revista n'um sonho.

CARLOS. — N'um sonho ?

O EMPREZARIO. — N'um sonho, sim. A
primeira scena representa um quarto como
este... Um auctor dramatico, como o senhor,
está em casa... Vem procural-o um empresario
de theatro, como eu, e encommenda-lhe uma
revista... Pôde pôr o meu typo em scena, se
quizer : o Peixoto dá perfeitamente o meu
typo... O auctor recusa-se a escrever, mas o
empresario insiste, e sae. Em vez de ir para a
meza trabalhar, o auctor vae para a cama
dormir... Desce um panno de gaze no prosce-
nio... a orchestra toca um nocturno... e elle
começa a ver a revista em sonho. (*Outro tom.*)
Se lhe não agrada essa idéa, arrange outra,
pois o que não lhe falta, maganão (*Batendo-lhe*

no ventre), é fantasia! E adeus, que tenho ainda que contractar a Vicencia de Moura. (*Ouve-se a voz do imitador do Frégoli.*) Que ouço! Também o senhor tem cá um imitador do Frégoli?... Como o lastimo!

CARLOS. — Imagine que me mudei para cá, fugindo a um malfeitor da mesma especie!

O EMPREZARIO. — E eu estou resolvido a mudar-me por causa de outro!

CARLOS. — E' uma praga!

O EMPREZARIO. — Entretanto, não seja esse barbaro visinho motivo que o afaste do trabalho. Vamos, sente-se e dê começo á revista! Amanhan muito cedo virei bater-lhe á porta. (*Deitando o rôlo de papel sobre a meza.*) Cá ficam as suas *Lagrimas de sangue*. (*Ameaçando com o punho o imitador do Frégoli.*) Bandido! Olhe, peço-lhe por tudo: não me metta o tal Frégoli na revista!

CARLOS. — Deus me livre!

O EMPREZARIO. — Política muito pouca, o menos possível. A politica deve entrar n'uma revista de anno como a baunilha no arroz doce.

CARLOS. — Está dito.

O EMPREZARIO. — Procure evitar egualmente qualquer referencia ao xarope de jatáhy.

CARLOS. — Não ha duvida.

O EMPREZARIO. — Bom, adeus, até amanha! É puxar pela fantasia! Boa noite!

CARLOS. — Boa noite! (*O Emprezario sae. Carlos vai fechar a porta e dispor as cadeiras para a mutação. O imitador de Frégoli cala-se.*)

SCENA III

CARLOS, só.

Pois será crível que as minhas pobres *Lágrimas de sangue* tenham produzido no espirito d'este homem, que não é precisamente um tolo, o effeito de uma parodia? Que achou elle de comico na minha peça? Dar-se-á caso que eu tenha graça sem me sentir? E se, effectivamente, eu escrevesse tambem uma revista de anno? E' um genero inferior, é verdade, mas, se a peça agradar, eu poderei depois fazer dramas serios, seguir a minha vocação litteraria, quando tivermos o Theatro Municipal. «Mãos á obra!» disse elle; pois bem: mãos á obra! (*Senta-se com resolução e prepara-se para escrever; mas dá-lhe o somno.*) E a fantasia? Se eu sem somno já não a tenho, que dirá com elle? (*Boceja.*) Nada! Vou dormir... Despertarei muito cedo, e então veremos. (*Vae despir-se atraz da cama, dizendo enquanto se despe:*) Mas duvido que possa arranjar alguma coisa... Nunca me passou pela cabeça escrever revistas... Demais, eu não me posso lembrar de todos os acontecimentos do anno: elles são tantos! (*Sae de traz da cama vestido com uma camisola que lhe desce aos pés, e trazendo na cabeça um barrete de dormir.*) O melhor é não me lembrar de semelhante coisa. (*Apaga a luz e deita-se na cama.*) E se realmente eu fizesse uma revista em sonhos? Mas qual! (*Boceando.*) Falta-me a fantasia... Oh, Fantasia, porque me não soccorres? (*Adormece. Musica na orchestra. Desce um panno de gaze no proscenio.*)

QUADRO II

A estante de livros, que está ao fundo, transforma-se n'uma gruta luminosa e florida, onde se vê a Fantasia.

SCENA PRIMEIRA

CARLOS, A FANTASIA.

(A Fantasia sae da gruta e desce á scena. Forte na orchestra. A gruta desaparece. Carlos dá um salto da cama e olha muito espantado para a Fantasia, sobre a qual se projecta um raio de luz electrica.)

CARLOS, *com medo*.— Quem está ahi ?

A FANTASIA.— Eu !

CARLOS.— Quem é a senhora ? Ah ! já sei : uma narcotizadora !... Socorro !...

A FANTASIA.— Cala-te ! Pois eu te pareço uma malfeitosa ? Olha bem para mim !...

CARLOS, *depois de olhar para ella, a principio com medo e depois com toda a confiança*.—A falar verdade, não me tem ares de pessoa de mãos bofes. Mas quem é o senhora ?

A FANTASIA.— Aquella que invocavas no momento de adormecer : sou a Fantasia !

CARLOS.— A Fantasia ? !

A FANTASIA.— A Fantasia, sim !

VALSA

Bem vês : eu sou de paz !
E não tem medo a Fantasia
De entrar no quarto de um rapaz !

Sou a Fantasia,
Fada caprichosa !
Vivo entre douradas
Nuvens côr de rosa !
Sou risonha e alegre
Como a primavera !
Sou irman do sonho,
Filha da chimera !

A cantar,
A dansar
E a sonhar,
Passo a vida
Divertida !
A vagar
Sem logar
Esquentar,
Percorro a terra, o ar,
E o mar !
Sou a Fantasia, etc.

CARLOS. — Minha senhora, peço-lhe permissão para vestir uma roupa mais decente.

A FANTASIA. — Não ! Como estás estás bem. Tratemos quanto antes de fazer a revista de 1895.

CARLOS. — Pois eu hei de fazer a revista de 1895 em camisola de dormir ?

A FANTASIA. — Tanto eu como tu tomaremos diversas fórmãs e figuraremos em toda a peça. Para começar, serás Apollos, o deus da poesia ! Um, dois, tres, zás ! (*Forte na orchestra. Carlos transforma-se em Apollos.*)

CARLOS. — Que é isto ?... que é isto ?...

A FANTASIA. — Bom ; agora vou deixar-te no Parnaso, em meio da tua côrte de musas e poetas. Um, dois, tres ! (*A scena transforma-se.*)
Até logo !

CARLOS. — Abandona-me ? Venha cá !...

A FANTASIA. — Nada receies ! (*Desapparece. Carlos fica apatetado.*)

QUADRO III

O Parnaso.

SCENA PRIMEIRA

APOLLO, MUSAS, POETAS.

CORO

Nós somos a côrte
Do filho de Rhéa,
Que vae na boléa
Do carro do sol,
E dá seus passeios,
Tocando as parelhas
Nas nuvens vermelhas
Da luz do arrebol,
Compõe-se esta côrte
Das Musas discretas
E uns pobres poetas
Que Apollo acolheu,
E achar não podiam
Viver mais tranquillo
Do que n'este azylo
Que a sorte lhes deu.

(Continúa a musica na orchestra. Apollo sente-se acanhado no meio da sua côrte.)

APOLLO, *declamando.*

Musas queridas, pallidos poetas,
Que sois a minha côrte fulgurante,
Firam-me n'este instante
De Jove os raios, de Cupido as settas,
Se por ventura sei o que aqui faço!
Relevae, por quem sois, este embaraço,
Mal cabido, bem sei, n'um deus turuna,
Com todos os favores da fortuna,
Pois eu vivo n'um sonho
Mysterioso, poetico, risonho !

Que ninguem me disperte,
P'ra que desta illusão me não liberte !

CORO

O deus Apollo delira !
Coisa com coisa não diz !
Não sabe onde pôr a lyra !
Que pobre deus infeliz!...

APOLLO, *n'outro tom.*

Silencio ! eu vou entrar no meu papel agora !
Maluco me julgaes, ó crapula canora ?
No pleno uso das minhas
Faculdades mentaes estou, Musas damninhas,
Filhas sem coração, que doido me suppondes !
E a tua colera, ó Zeus, n'este momento escondes !
Fulmina estes ingratos !
Corja de grosseirões, caterva de insensatos !

CORO

Apollo já não delira !
Coisa com coisa já diz !
Já sabe onde pôr a lyra !
Deixou de ser infeliz !

APOLLO.

Tristes me pareceis como uns negociantes
De seccos e molhados,
Que tenham muita coisa a despachar na alfandega
Pela nova tarifa ! Animem-se os semblantes !
E, saracoteando os corpos requebrados,
Essa lettra cantae com musica mais pandega !

(*Repetição do côro com musica mais alegre e danças.*)

APOLLO:

Haja silencio, meu povo !
Basta de dança e cantiga !
Para que a peça prosiga,
Entre um personagem novo !

SCENA II

Os mesmos, UM SERVO, depois A FANTASIA.

O SERVO.

Apollo !

APOLLO.

Que vens buscar ?
Que temos ?

O SERVO.

Está lá fóra
Interessante senhora
Que te deseja fallar.

APOLLO.

E' nova ?

O SERVO.

Nova e bonita

APOLLO.

E não te disse o seu nome ?

O SERVO.

Não, senhor, mas entregou-me
Este cartão de visita.

(Procura-o na algibeira.)

APOLLO.

Dá cá depressa !

(Recebendo o cartão.)

Ora seja
Tudo por amor de Zeus !
Pois não ha nos paços meus
Uma salva ou uma bandeja ?

(Depois de ler o cartão.)

Ella ! E' ella ! Manda entrar !
Anda, corre sem demora,
Que tão distincta senhora
Fazer não deve esperar !

(O servo sae a correr.)

Em henra á dama que ahi vem,
Entoem novas cantigas !
Saíam-se bem, raparigas !
Rapazes, saíam-se bem !

CORO

Teremos bellas cantigas,
Teremos danças até,
Mas convém que tu nos digas
Quem ella é !

APOLLO.

A Fantasia !

CORO.

A Fantasia ?
Vae tudo raso !
Quem nos diria
Que por accaso
A Fantasia
Viesse um dia
Ter ao Parnaso ?

APOLLO.

Vejam lá como se portam !
Não me vão envergonhar !
Vejam como se comportam
Quando a moça aqui chegar !

CORO.

Todos nos comportaremos
Muito bem !

APOLLO.

Silencio, que ahi a temos !
Ella ahi vem !

(Entra a Fantasia, muito comprimentada por todos durante o coro que se segue.)

CORO.

Fantasia !
Que vento bom aqui te traz ?
Que alegria !
A todos ver-te nos appraz !
Então ? Não fiques tonta !
Apollo é bom rapaz !
Pódes fazer de conta
Que em tua casa estás !
Fantasia ! etc.

A FANTASIA,

O' deus da poesia,
O' deus que o mundo incensa,
A doida Fantasia
Comtigo aqui vem ter,
Porque uma graça immensa
Espera merecer.

APOLLO.

O' filha, é só dizer.

CÓRO.

Fantasia ! etc.

APOLLO, *declamando*.

Serás servida, descansã ;
Tenho prazer em servir ;
Salvo se me vens pedir
Dinheiro ou carta de fiança...

A FANTASIA.

Apollo, deus zombeteiro,
Deus da divina poesia,
Bem sabes que a Fantasia
Não precisa de dinheiro.
O pedido é... fantasista...
Com elle não te aborreças:
Desejo que me forneças
Um compadre de revista.

APOLLO.

Um compadre... Zeus divino !...
De revista ?... Não percebo !
Por Jove ! não seja eu Phebo,
Se com o teu empenho atino !

A FANTASIA.

Lá no Rio de Janeiro
Um dramaturgo protejo
Que tem mania, ou desejo,
De se tornar revisteiro...

APOLLO.

Ah! já sei, percebo agora:
Uma revista theatral.

A FANTASIA.

Mas como genero tal
Hoje toda a gente explora,
Não sabe o auctor— coisa incrível!—
Como inventar um compadre,
E sem compadre que quadre
Não ha revista possivel.

APOLLO.

Filha, a má porta bateste;
Préga n'outra freguezia!
Se tu, que és a Fantasia,
Ao typo não soccorreste,
Se do teu poder não usas,
A mim é que tu procuras,
A mim, que n'estas alturas
Só tenho poetas e musas?

A FANTASIA.

Das Musas não levaria
Nenhuma, pelo receio
De vel-a n'aquelle meio
Cahir na... galanteria;
Mas ao pintar da faneca
Vinha um poeta!

APOLLO.

Eu te digo:
Ellas, se fossem contigo,
Teriam séca e mais séca...

(*Musica na orchestra.*)

Tanto Melpomene sombria,
Musa da rigida tragedia,
Como a sympathica Thalia,
Graciosa Musa da comedia,

Teriam panno para mangas,
Pois no miserrimo theatro
Com pavorosas bugigangas
Por lá se pinta o diabo a quatro.
Polymnia, a Musa da eloquencia,
Viria um nobre deputado,
Homem de pulso e de sciencia,
Por ter talento respeitado,
Que, não obstante esse talento,
Um dia a todos espantou,
Cantando em pleno parlamento
O tal «Chegou, chegou, chegou» !
Clio gentil, da historia a Musa,
Que das nações preside á gloria,
Veria o muito que se abusa
Quando por lá se conta a historia...

CLIO.

Antiga ?

APOLLO.

Qual !— contemporanea !
Estrellas ver ao meio dia
Nas *matinées* iria Urania,
Musa sagaz da astronomia.
Quanto a Calliope, e á collega
Erato, as Musas da poesia,
Pod'riam ver que ali não péga
Dos decadentes a mania.
E tu, Terpsichore, que ás danças
Presides, vae... vae... eu te rogo...
Se a tal viagem te abalanças,
O que é o maxixe aprendes logo !
Euterpe, á musica presides !
Vae, meu amor, vae tambem tu,
E te convences— não duvides !—
Que a melhor musica é o lundu.

(*Cessa a musica.*)

EUTERPE.

Um lundu eu nunca ouvi.

A FANTASIA.

Euterpe, fazes empenho ?
De cór um lundu eu tenho
E posso cantal-o aqui.

EUTERPE.

Um grande favor será.

A FANTASIA, a *Apollo*.

Consentes ?

APOLLO.

Vá lá ; consinto...
Mas tenho medo, não minto,
Que faça escola por cá.

A FANTASIA.

Atenção todos ! Olé !
O lundu obra é de um mestre !
Monsieur le chef de l'orchestre,
La musique, s'il vous plaît !

LUNDU

Conheço as cantigas
Modernas e antigas
De todos os povos
Quer velhos, quer novos ;
Mas nenhuma existe
Que tenha mais chiste
Que um lundu verdadeiro
Brasileiro.

A *jota* hespanhola
Nossa alma consola.
E o céu nos promete
Gentil *chansonette* ;
Mas não ha cantiga
Que agradar consiga
Como um lundu chorado,
Suspirado.

O gostoso lundu nos convida
Ao prazer que remoça e que mata ;
Para além d'esta vida
A noss'alma arrebatá !
Quando se ouve um lundu brasileiro,
Todo o sangue no corpo se agita !
Mais quente e mais ligeiro
O coração palpita !

(*Repetição pelo côro.*)

A FANTASIA.

Apollo, ouvir-te fez gosto ;
Mas deixa as Musas em paz,

Senão, motivo terás
Para algum serio desgosto :
São Musas, mas são mulheres...

APOLLO.

Um poeta escolhe,

A FANTASIA.

Isso não !

Tu é que...

APOLLO.

Não ! Tu !

A FANTASIA.

Perdão !

Não escolho.

APOLLO.

Qual preferes ?

Epico ? erotico ? lyrico ?
Bucolico ? melancolico ?
Nephelibata ? symbolico ?
Herói-comico ? satyrico ?

A FANTASIA.

Qualquer serve.

APOLLO, *aparte*.

Por chalaça,
Eu solicito me finjo,
E um dos mais velhos lhe impinjo
Que menos falta me faça.

(*Chamando*.)

Dom Jayme !

DOM JAYME, *sahindo do grupo dos poetas e
approximando-se*.

Prompto, senhor !

APOLLO.

Vaes viajar em companhia
Da senhora Fantasia
E ficar ao seu dispor.



D. JAYME.

Grande Apollo, fôra um crime
Mostrar-te pouca vontade,
Porém tomo a liberdade
De pedir-te, ó deus sublime,
Que um momento não insistas ;
Já pelos annos desfeito,
Não me sinto muito a geito
P'ra compadre de revistas.

APOLLO.

As minhas ordens mantenho !
Dos teus serviços careço !
Obedece-me !

D. JAYME, *inclinando-se.*

Obedeço.

(*Aparte.*)

Outro remedio não tenho...

(*Alto.*)

Quando ao Parnaso subi,
Consentiste, ó deus antigo,
Que minha filha commigo
Eu trouxesse para aqui.
Se ella commigo não vae,
Talvez que alguém facilite
E... Emfim, Apollo, permite
Que a filha acompanhe o pae.

APOLLO, *à Fantasia.*

Concordas em que ella vá ?

A FANTASIA.

Pois não ! — em vez de um compadre,
Um compadre e uma comadre
Na tal revista haverá.

D. JAYME.

Eu vou buscar a pequena. (*Sae.*)

A FANTASIA, *a Apollo.*

Ella que tal é ?

APOLLO.

A filha ?
E' bonita, é casquilha !

A FANTASIA.

Alta ? baixa ? alva ? morena ?...

APOLLO.

Basta de dar á t'ramela !
Porque estas impacientada ?
Vaes vel-a não tarda nada !
Olha, vê, ahí vem ella...

SCENA III

APOLLO, A FANTASIA, DOM JAYME, AJUDIA,
MUSAS, POETAS.

D. JAYME, *trazendo Ajudia pela mão.*

S'ora dona Fantasia,
A minha filha cá está.

AJUDIA.

Diga o meu nome, papá.

D. JAYME.

Ella chama-se Ajudia.

A FANTASIA.

Ah !

D. JAYME.

Conhece-a ?

A FANTASIA.

Sim, senhor.
Não é — por favor me informe—
A judia que não dorme
A penar de ignoto amor ?

AJUDIA.

Eu sou essa menina interessante,
Anjo sem patria, branca fada errante,
Que foi sentar-se triste e só no seu jardim.

APOLLO.

Com licença, sim ?...

CANTO

Corria branda a noite. Immersa em funda magoa,
Ella sentou-se triste e só no seu jardim.

A FANTASIA.

Ouviu um canto ameno.

D. JAYME.

Um barco ao lume d'agua
Vogava mansamente.

CÔRO.

A voz dizia assim :

Dormes, e eu velo, seductora imagem,
Grata miragem que no ermo vi ;
Dorme, impossivel que encontrei na vida,
Dorme, querida, que eu descanto aqui !

A FANTASIA.

Tempo é de partir !
Vamos ! Toca a despedir !

CÔRO.

Adeus, ó dom Jayme !
Adeus. Ajudia !
Té quando algum dia
Poderdes voltar !
Em terras longinquas
Affectos antigos
Por novos amigos,
Não vades trocar !
E finda a revista,
Que lá vos reclama,
Voltae com mais fama,
Depressa voltae !
Serão de nós todos
Tristonha partilha
Saudades da filha,
Saudades do pae !

APOLLO, *declamando*.

Eu não quero que a pé desçaes do altivo monte !
Conduzir-vos irá meu filho Phaetonte,

Que Jupiter, meu pae, no Eridano atirou,
Sem se lembrar, talvez, de que era seu avô,
—Phaetonte, vem cá !

SCENA IV

Os mesmos, PHAETONTE.

PHAETONTE, *entrando brutalmente.*

Cá estou! Que ordena? Diga !

APOLLO, *à Fantasia.*

E' bruto este rapaz ; desculpa, minha amiga.
Elle já foi cocheiro
No Rio de Janeiro
E trouxe um certo cunho...

PHAETONTE.

O bonde conduzi da praça Onze de Junho.

(A' Fantasia.)

Conhece a Carris Urbanos ?

A FANTASIA.

Ora ! conheço ! pois não !

D. JAYME.

Os carris serão urbanos,
Mas os cocheiros não são.

A FANTASIA.

Que elle, dom Jayme e Ajudia
Leve pelo mundo afóra ;
Eu dispenso a conducção,
Pois, como ninguem ignora,
Tem azas a Fantasia ;
As azas me levarão.

PHAETONTE.

Essa massada é bem boa !
E' bem boa essa estopada !
Que não leve uma pessoa
Um dia sem fazer nada !
O' chefe, eu não sou de bronze
Abusam, e, quando eu falo,
Sou máo !

APOLLO.

Has de desculpal-o :
Tudo aquillo é praça Onze.

PHAETONTE.

Mas eu...

APOLLO.

Nem mais um pio, estúpido cocheiro !
Aqui não ha fum-fum nem folle de ferreiro !
Faça-se a despedida,
E que vá cada qual tratar da sua vida !

CÔRO.

Adeus, ó dom Jayme ! etc.

Adeus !

(*A Fantasia, D. Jayme, Ajudia e Phaetonte saem.*)

APOLLO.

Agora, filhos meus,
A mutação vae ter logar !
Entre fogos cambiantes
Fascinantes,
Deslumbrantes,
E' dançar !

CÔRO.

Dansar !

(*Dansa geral. A scena transforma-se.*)

QUADRO IV

Paizagem fantastica. O carro de Phaetonte roda vertiginosamente sobre nuvens, conduzindo Dom Jayme e Ajudia. A Fantasia, voando, mostra o caminho a Phaetonte. Fogos cambiantes. Cae o panno.

ACTO PRIMEIRO

QUADRO V

Sala bem preparada. A' esquerda e á direita portas.
A' esquerda uma janella.

SCENA PRIMEIRA

MANOEL, o COMMENDADOR ERANOUTOMNO.

(Ao levantar o panno ouve-se tocar uma campainha electrica. Manoel entra da direita.)

MANOEL.— Quem será ? Não pôde ser o Sr. dom Jayme, que esse nunca bate. *(Vae abrir a porta da esquerda. Entra o Commendador.)* Faz favor de entrar, meu senhor.

O COMMENDADOR.— Olé ! um patricio ! E tem ainda o cheiro da santa terrinha !

MANOEL.— Inda não ha vinte dias que aqui cheguei.

O COMMENDADOR.— Vê-se. Está ao serviço de dom Jayme ?

MANOEL.— Sim, meu senhor .

O COMMENDADOR. — Elle está em casa ?

MANOEL. — Não, meu senhor, mas não tarda ali... Se quizer esperar...

O COMMENDADOR. — Não, não. Quando elle vier, diga-lhe que esteve aqui o commendador Eranoutomno, e que o foi esperar ali no Stadt-Munchen.

MANOEL. — No... que ?

O COMMENDADOR. — No Stadt-Munchen.

MANOEL. — Sta... Não vae !

O COMMENDADOR. — Então no Stadt-Colblenz.

MANOEL. — No... ? Peior um pouco ! Se me dissesse todas essas coisas em portuguez !

O COMMENDADOR. — Que diabo ! Olhe, diga-lhe que o espero na Maison Moderne.

MANOEL. — Perdôe, meu senhor, mas eu ainda não sei falar brasileiro e a lingua não me ajuda para dar o recado.

O COMMENDADOR. — Então não sabe onde é a Maison Moderne, ali na praça da Constituição ?

MANOEL. — Da Constituição ?

O COMMENDADOR. — Largo do Rocio, se quizer. Lá praça Tiradentes é que não vae nem á mão de Deus Padre !

MANOEL. — Se deixasse tudo isso escrevido é que era obra.

O COMMENDADOR. — Diz bem. Vou escrever aqui no meu cartão. (*Tira um cartão e um lapis.*) Como diabo se escreve Stadt-Munchen ? Ora ! como se pronuncia ! E, s, es, t, a, ta, d, e, de, m, u, n, mun, x, e, m, xem. — Quando vier o Sr. dom Jayme, diga-lhe que o espero n'este estabelecimento, onde vou tomar um copo de cerveja.

MANOEL. — Sim, meu senhor.

O COMMENDADOR.— Bom. Adeus.

MANOEL.— Passasse muito bem. (*O Commendador sac.*) Commendador ? Deixa estar que tambem eu lá hei de chegar !

SCENA II

MANOEL, MARIA.

MARIA, *entrando da direita, com uma guitarra na mão.*— O' sô Manel, se quer ouvir o fado de que lhe falei, ha de ser já e aqui na sala. Na cosinha não póde ser promóde a menina.

MANOEL.— Isso sim, s'ora Maria ! A menina está entertida com o derraço ! Ora para o que lhe havia de dar !

MARIA.— Não sei que graça achou ella n'aquelle mafarrico ! Um homem que até se veste á moda antiga ! E se o patrão, o Sr. dom Jayme, não abre os olhos, a pequena ainda lhe faz alguma !

MANOEL.— Isso faz tão certo como estar eu aqui !

MARIA.— Pois se leva todo o santo dia pegada á janella a conversar com o gajo !

MANOEL.— O Sr. dom Jayme já o sabe ; se se não precatar, su'alma sua palma.

MARIA, *afinando a guitarra.*— Vamos lá, sô Manel ; estamos sós com Deus e a Virgem Maria.

MANOEL.— O diabo é se o patrão entra por ahi de repente !

MARIA.— Não, que elle não anda com pés de lan. Vá dar você outra olhadela lá dentro, a ver se a menina continúa entertida.

MANOEL.— Ora ! aquillo quando lhe pegam!
(*Sae pela direita.*)

MARIA, *só, a afinar a guitarra.*— Não ha que ver : este homem está mesmo a calhar para genro da minha defunta mãe e pae dos meus futuros filhos... Já lhe eu teria tocado na coisa, se tivesse certeza de haver d'isto por lá...
(*Signal de dinheiro.*) Elle ahi vem.— Não lhe digam nada !

MANOEL, *entrando.* — Ora ! que dizia eu ? Cada vez mais entertida ! Agora estavam a dizer um ao outro alguma coisa que me pareceu em verso, — elle da rua e ella do peitoril !

MARIA. — Ouça lá, sô Manel ; ouça, e diga se já ouviu coisa de mais sentimento !
(*Canta, acompanhando-se á guitarra.*)

FADO

Quando sahi lá da aldeia,
Chorava muito o meu bem ;
Dizia : Vê lá, cachopa !
Não me troques por ninguem !

(*Entra D. Jayme e fica ao fundo a ouvir sem ser visto, visivelmente entusiasmado.*)

Com muitas soidades d'elle
Por esses mares eu vim,
Mas se outro aqui me apparece,
Eu não respondo por mim...

SCENA III

MANOEL, MARIA, D. JAYME.

MANOEL, *vendo D. Jayme.* — Ai ! o patrão !...

MARIA. — O patrão ! (*Atrapalha-se toda e esconde a guitarra atraz das costas.*)

D. JAYME. — Então ? Então ?... Olhem que me não escamo ! Não ha nenhum mal em cantar o fado ! Pelo contrario... Continúa, Maria !

MARIA. — Pois o patrão quer que eu... ?

D. JAYME. — Acompanha-me, que eu tambem vou deitar a minha piada ! (*Maria toca e D. Jayme canta.*)

As vozes de um fado nosso
Me põem o peito a saltar !
Eu confesso que não posso
Ver defunto sem chorar.
Quando eu fôr por Deus chamado
D'esta vida sem ventura,
Peço que cantem o fado
Sobre a minha sepultura.

Bom ! podem retirar-se !

MARIA, *aparte*. — E com que sentimento canta o raio do homem !

D. JAYME. — O' Manoel, veio alguem procurar-me ?

MANOEL. — Sim, senhor ; veio um commendador que deixou dito ao patrão que fosse ter com elle no logar que ahi está escrevido. (*Dá-lhe o cartão.*)

D. JAYME, *vendo o cartão*. — Elle ! Ainda bem ! (*Lendo.*) Estade... Que diabo é isto ?... Ah ! já sei... Como elle escreve Stadt-Mun-chen ! — O' Maria, onde está a menina ?

Maria, *hypocritamente*. — No seu quarto, muito socegadinha.

D. JAYME. — Dize-lhe que venha falar-me. — Vão ! (*Os criados saem.*)

SCENA IV

D. JAYME, só.

Boa gente ! Fui eu mesmo contractual-os para o meu serviço na inspectoría de immigração... Estes tenho eu certeza de que não são jacobinos... Oh ! os jacobinos !... Evito-os o mais que posso ! E' uma genticinha terrível ! *(Pausa; mudando de tom.)* A apostar que os senhores estão persuadidos de que ando a servir de compadre de revista... Pois enganam-se redondamente ! Eu ando mas é a tratar de arranjar um bom casamento para a minha filha Ajudia, e, ou muito me engano, ou tenho um noivo seguro ! *(Batendo no cartão.)* E' este, o commendador Eranoutomno, que veio para o Brasil criança e aqui enriqueceu. O pobre diabo não sabe escrever Stadt-Munchen, mas é boa pessoa, tem muito dinheiro e me parece disposto a ser meu genro. E' preciso preparar a pequena... Eu sei que ella está embeçada pelo tal Amoremedo, um João-ninguém que não tem onde cahir morto ; mas isso passa desde que lhe eu mostre o futuro que a espera em companhia de tal valdevinos. Ella ahí vem.

SCENA V

D. JAYME, AJUDIA.

AJUDIA. — O papá chamou-me ?

D. JAYME. — Sim. Tenho que te fallar seriamente. *(Com solemnidade.)* Filha, é já tem po agora...

AJUDIA. — Ergue-te ao romper da aurora...
Vamos partir amanha.

D. JAYME. — Não é isso. — Tu chegaste, filha, á idade em que as donzellas precisam absolutamente deixar de o ser... Já não tens mãe: a minha pobre Delfina do Mal pouco durou... Eu estou velho... estou mais para lá que para cá, e não quero deixar-te ao Deus dará n'este mundo de enganos e perfidias.

Ajudia. — Agradeço muito os seus bons sentimentos, papá, mas desde já o previno de uma coisa.

D. JAYME. — Heim ?

AJUDIA. — A minha mão de esposa só a darei a um homem por quem me sinta devéras apaixonada !

D. JAYME. — Isso dizem todas, mas afinal submettem-se á razão. Eu tenho para ti um noivo meio arranjado. E' um commendador... o commendador Eranoutomno, um homem que vale quanto pesa, e olha que não pesa menos de uns cento e vinte kilos !

AJUDIA. — Sinto muito dizer-lhe, mas a minha escolha está feita.

D. JAYME. — Ta ta ta ! Sei que andas apaixonada pelo tal Amoremedo, um bigorrilha sem eira nem beira nem ramo de figueira ! Era o que faltava : — Ajudia casar-se com o Amor-emedo ! Nunca !...

AJUDIA. — Papá !

D. JAYME. — Nunca, já te disse !...

COPLAS-DUETTO

I

Esquece o tal Amoremedo,
Pois d'elle não serás mulher !

Só casarás— ou tarde ou cedo—
Com quem eu muito bem quizer !
E se não me andas direitinha,
Lanço-te a minha maldição !
Ou me obedeces, filha minha,
Ou deito pae de dramalhão !
Muito amolado eu ando já,
Vê lá !

Tudo isto me escamando está !
Vê lá !

{ D. JAYME.
Vê lá !
AJUDIA.
Papá !

II

O meu querido Amoremedo
Não poderei nunca esquecer !
Juro, papá, que— tarde ou cedo—
Meu maridinho elle ha de ser !
Tanto peor se um pae teimoso
Me atira a sua maldição,
E, em vez de ser um pae mimoso,
Se mostra um pae de dramalhão !
Meu coração não mudará,
Papá !
E só por elle pulsará,
Papá !

{ AJUDIA.
Papá !
D. JAYME.
Vê lá !

AJUDIA.— Papá, papá, não faça a minha desventura !

D. JAYME.— O que eu quero fazer é a tua felicidade, minha toleirona !

AJUDIA.— Mas a minha felicidade...

D. JAYME, *furioso*.— Bico ! Não me respingues ! Eu vou buscar o commendador Erannoutomno, que está á minha espera no Stadt-Munchen. Por signal que elle escreve Stadt-Munchen que nem o Max Nordau ! Quero apre-

sentar-t'ó : é um bom homem, que te fará feliz, e baroneza mais tarde. Espera-nos !

AJUDIA.— Papá !

D. JAYME.— Nem mais pio ! (*Sae.*)

SCENA VI

AJUDIA, só

Eu conheço este homem ! E' meu pae ! Quando se lhe mette uma idéa na cabeça, não ha meio de lh'a arrancar ! Mas não ! eu não consentirei n'esse casamento, e o melhor meio de o evitar será fugir com o meu querido Amoremedo ! (*Indo á janella.*) Elle ali está parado á esquina, olhando tristemente para cá... Ora adeus ! chamemol-o ! (*Chamando.*) Pscio ! — Entra ! — Sim ! não tenhas medo ! — Sobe ! (*Vindo á scena.*) As grandes resoluções assim se tomam ! Desabem sobre a minha cabeça todas as coleras do papá ! Que me importa ? Eu amo este homem e não posso ser de outro !

SCENA VII

AJUDIA, AMOREMEDO.

AMOREMEDO, *da porta.*

Posso entrar sem receio n'esta sala ?

AJUDIA.

Entra, meu doce amor; de que tens medo ?

AMOREMEDO, *entrando*.

Tenho medo de mim, de ti, de tudo,
De teu pae, do Manel e da Maria!

AJUDIA.

Amoremedo, eu te amo loucamente!
Oh! porque te encontrei no meu caminho?
Porque esta chamma a consumir-me o seio?
Peito, meu peito, porque anceias tanto?

AMOREMEDO.

Arrependida estás do teu affecto?

AJUDIA.

Não, mas não imaginas como eu soffro!
Quer o papá que a esposa eu seja de outro!

AMOREMEDO.

Tu? Casada com outro! O' céos, que escuto!
O véo da noite me atormenta em dores!
A luz da aurora me entumece os seios!
O meu rival quem é? Quem é? Responde!
O seu nome qual é? como se chama?

AJUDIA.

Commendador Eranoutomno.

AMOREMEDO.

Elle!

Ao vento fresco do cahir da tarde
Eu me estremeço de crueis receios!

AJUDIA.

De receios? Porque?...

AMOREMEDO.

Porque sou pobre,
E não posso lutar contra um ricoço!
Vampiro infame! Vae sorver em beijos
Toda a innocencia que o teu peito encerra!
O miseravel, com o seu dedo impuro,
Machuca as folhas da grinalda virgem!

AJUDIA.

Luta ! Pódes lutar, porque eu pertenço-te !
Dasanimado estás ? Acho-te frio !
Meu Deus ! que gelo ! que frieza a tua !...

AMOREMEDO.

Folha que o vento da fortuna impelle,
Como te enganas ! Meu amor é chamma !
Mas que devo fazer ? de mim que esperas ?

AJUDIA.

Quero fugir nos braços teus ; contigo
Viver longe, bem longe, em Sapopemba,
No Cairo, em Malta, em Nazareth, no Egypto,
Onde quizeres e não possa achar-nos
O velho pae que assim nos tyrannisa !

AMOREMEDO, *amedrontado*.

Fugir !

AJUDIA.

Hesitas ?

AMOREMEDO.

Reflectiste accaso
No passo que vaes dar, anjo querido ?
Oh !... não te queimes a pisar descalça,
Criança louca, sobre um chão de brazas !

(Afasta-se d'ella.)

AJUDIA.

Oh ! tu foges de mim ? tu me abandonas ?

AMOREMEDO.

Se de ti fujo, é que te adoro louco...
E's bella, eu moço ; tens amor, eu medo !

AJUDIA, *correndo para elle e enlaçando-o*.
Contigo hei de viver !

AMOREMEDO.

Viver contigo,

Sem a bençãam do céo...

(Aparte.)

e o cambio a nove !

AJUDIA.

Se não me levas immediatamente
D'esta casa maldita, eu apunhalo-me !

(Tirando o grampo do cabelo.)

A teus pés rolarei no chão sem vida !

AMOREMEDO.

Não te apunhales !

AJUDIA.

Leva-me comtigo !

AMOREMEDO.

Pois bem ; para evitar a tua morte,
Eu levo-te d'aqui, plantinha humilde...
Mas não serás no meu lascivo abraço
Anjo enlodado nos paues da terra,
Olhos cerrados na volupia doce,
Os braços frouxos, palpitante o seio...
Tu para a casa irás de minha mana,
Que é uma senhora muito respeitavel,
E lá tu ficarás depositada,

AJUDIA.

Tens uma mana ?

AMOREMEDO.

Sim ; tenho uma mana
Que é mais velha do que eu.

AJUDIA.

Como se chama ?

AMOREMEDO.

Minhalmetraste. — Vive recatada
N'uma casinha da Cidade Nova,
A coser roupas e a fazer sorvetes.
Sem ella, meu amor, um bello dia
Tu perguntáras : que é da minha c'roa ?
E eu te diria : Desfolhou-a o vento !

AJUDIA.

Tens razão. Mas partamos sem demora !
Não tarda ahí o papá ! Vamos depressa !

AMOREMEDO.

Não levas uma trouxa ? Alguma roupa ?
Jóias, se as tens, e mesmo algum dinheiro ?

AJUDIA.

Eu nada quero d'esta casa !

AMOREMEDO, *aparte.*

Hom'essa !

AJUDIA.

Tu, só tu me darás quanto eu precise !

AMOREMEDO, *aparte.*

Eu metti-me em camisa de onze varas !

DUETTINO

AMBOS.

Partamos ! Fugamos
Do commendador !
Partamos ! partamos
Nas azas do amor !...

AJUDIA.

Um dia nós voltaremos
A' presença do papá ;
O seu perdão pediremos
E elle o perdão nos dará.

AMOREMEDO.

Será bom que este romance
Não tenha um desfecho **mão**,
E não seja o ultimo lance
Alguma coça de páo !

AMBOS.

Partamos ! Fugamos
Do commendador !
Partamos ! partamos
Nas azas do amor !

(*Sacm pela esquerda.*)

SCENA VIII

MANOEL, depois O COMMENDADOR, D. JAYME.

MANOEL, *entrando da direita.*

O patrão a que horas quer o jantar? Heim? Não está cá ninguém! Ora essa! Eu era capaz de jurar aos meus deuses que o Sr. D. Jayme estava n'esta sala com a menina! Pois se falavam alto! Onde se metteriam elles? (*Olhando pela janella.*) Mas não me engano! E' a menina que ali vae em companhia do conversado!... E como correm!... Quebraram a esquina... Ai! minha Nossa Senhora dos Afflictos! ai, meu Senhor Bom Jesus do Monte! que devo fazer? Prevenir a s'ora Maria? Não! o melhor é não perder tempo, e ver se os apanho! (*Vae sahindo a correr e esbarra no Commendador, que entra, acompanhado por Dom Jayme.*)

O COMMENDADOR.— Oh! diabo! passa fóra, bruto!...

D. JAYME.— Que é isto? Desculpe, commendador!—Aonde ias com tanto açodamento?

MANOEL.— Ah! meu senhor, se soubesse...

D. JAYME.— Que foi?

MANOEL.— Que desgraça!

D. JAYME.— Fala!

MANOEL.— Estou sem pinga de sangue!

D. JAYME.— Explica-te, com todos os diabos!...

MANOEL.— A menina...

D. JAYME.— Que tem?

MANOEL.— Quem o diria!

D. JAYME.— Está doente?

MANOEL.— Antes o estivesse!

D. JAYME.— Desembuxa!

MANOEL.— Sahiu de casa !

D. JAYME.— Heim ?

MANOEL.— Foi furtada !

D. JAYME.— Furtada !... Por quem ? !...
Ah ! já sei... já adivinho... o Amoremado !...
Meu Deus ! e agora ?...

MANOEL.— Foram por ali... n'este momento...
Quebraram a primeira esquina...

D. JAYME.— Porque não o dizias, pedaço
d'asno ? (*Sae a correr pela esquerda.*)

MANOEL.— Vou-lhe nas ancas ! (*Sae a
correr pela esquerda.*)

O COMMENDADOR, só. — Esta agora é nova !
Na occasião de ser apresentado á minha
noiva, recebo em cheio a agradavel noti-
cia de ella ter sahido de casa em companhia
de outro homem ! — Entretanto, quem sabe
lá ?... uma loucura passageira, talvez... uma
cabeçada... Não me convém perder a amizade de
D. Jayme, que já prometteu fazer-me barão...
Barão de Dormeseuvélo... Vou ver se o apa-
nho ! (*Sae pela esquerda. Mutaçào.*)

QUADRO VI

A rua do Ouvidor.

SCENA PRIMEIRA

PASSEANTES, depois D. JAYME, O COM-
MENDADOR.

CORO

Não ha rua como a rua
Que se chama do Ouvidor !
Não ha outra que possua
Certamente o seu valor !

Sendo assim tão mal calçada
Sendo estreita como é,
Póde até ser comparada
A qualquer becco chué ;
Mas o caso é que esta rua
Attracções tem sem rivaes ;
Quem a ella se habitua
Não a deixa nunca mais !
Muita gente ha que se masse
Quando, seja porque fôr,
Passa um dia sem que passe
Pela rua do Ouvidor !

(Entram Dom Jayme e o Commendador.)

D. JAYME. — Qual, meu caro commendador, já vou perdendo inteiramente a esperança de encontral-os!

O COMMENDADOR. — Realmente, passam-se os dias, passam-se as semanas e tres vezes nada...

D. JAYME. — Coisa nenhuma ! Recorri em primeiro lugar á policia... Nada consegui... isto é... consegui uma semsaboria...

O COMMENDADOR. — Uma semsaboria ? Qual ?

D. JAYME. — Eu já tinha estado com o chefe tres vezes. Quando o procurei pela quarta vez, imaginava que se lembrasse da minha pessoa e do facto que me levava á sua presença. — Que deseja ? perguntou-me elle ; e eu lhe respondi muito naturalmente : — « Venho ainda mais uma vez aborrecer a V. Ex. por causa dos pombinhos. » Dizendo « os pombinhos », referia-me ao Amoremedo e á pequena. — Ponha-se lá fóra ! gritou elle. Já disse que só aos domingos haverá corridas de pombos ! Escusa de insistir ! — Confundira-me com o empresario das corridas de pombos-correios !

O COMMENDADOR. — Bem sei ; as taes da rua da Relação. Mas o senhor desfez o engano...

D. JAYME.—Pudéra! — e o chefe, que é um cavalheiro, se desculpou amavelmente. Oh! eu não me posso queixar da policia... Ella fez o que podia. Mas que quer? Não ha quem me dê noticia do maldito Amoremedo! Elle é popularissimo, toda a gente o conhece, mas ninguem o vê...ninguem sabe onde se elle meteu com Ajudia... Disseram-me que eu o encontraria na Bibliotheca Nacional... ou na Bibliotheca Fluminense... ou no Gabinete Portuguez de Leitura... Lá fui: nada!... Afiançaram-me que costumava a apparecer nas livrarias da rua de S. José...

O COMMENDADOR.—Ora sebo!

D. JAYME.—Percorri-as debalde uma por uma... Dizem-me que é infallivel nas *soirées* de familia em que haja donzellinhas sentimentaes e um piano... Mas que *soirées* são essas? A informação é muito vaga!

O COMMENDADOR.—O melhor logar para encontrar-o é este. A coisa é ter um pouco de paciencia. Não ha ninguem no Rio de Janeiro que não passe pela rua do Ouvidor.

(*Ouve-se uma voseria de mulheres. Entra a Moda, acompanhada por algumas senhoras elegantemente vestidas.*)

SCENA II

Os mesmos, A MODA, SENHORAS.

CANTO

CORO.

Cá está, senhores, a Moda,
Que tem poder soberano
E põe a cabeça á roda
A todo o genero humano.

O seu poder infinito
Eterno será, espero,
Embora o cambio inaudito
Um dia baixe até zero.

A MODA.

A Moda sou !
Contente estou !
Vi abrir neste momento
Um estabelecimento
Digno de Pariz !
Essa loja pariziense
Muita moça fluminense
Vae fazer feliz !
Que basar
De encantar !
Que delicia ! que primor !
Linda, olá !
Ficará
Mulher feia que lá fôr !
Eu ali
Coisas vi
Que a mil doidas hão de pôr !
Que primor !

(Repetição pelo côro.)

O COMMENDADOR, *com muita amabilidade.*—
Minha senhora, vejo que V. Ex. é a Moda.
Serei indiscreto se perguntar o que anda fa-
zendo ?

A MODA.—Pois não sabe ? Fui assistir á
inauguração de um templo erguido em minha
honra.

O COMMENDADOR.—Um templo ?

D. JAYME, *a parte.*—Lá está o idiota do
commendador a servir de compadre de revista !

A MODA.—Templo aqui é uma figura de
rhetorica.

D. JAYME, *aparte.*—A mim é que não me
apanham !

A MODA.—Refiro-me á casa Dreyfus.

O COMMENDADOR.—Ah ! uma casa de modas,

A MODA.—Uma casa de modas que vem enfeitar a rua do Ouvidor.—Vamos, minhas senhoras.

O COMMENDADOR.—Quem são estas bellas damas ?

A MODA.—As senhoras fluminenses que acompanham a moda.

O COMMENDADOR.—Pois são assim tão poucas ?

A MODA.—Infelizmente a minha comitiva não é numerosa. (*A. Dom Jayme.*) Mas tempo ha de vir que...

D. JAYME, *interrompendo-a.*—Perdão, minha senhora, o compadre não sou eu : é ali o senhor.

A MODA, *aparte.*—Que malcriado ! Vamos!... (*Sac com as senhoras, repetindo parte do canto.*)

SCENA III

D. JAYME, O COMMENDADOR, PASSEANTES,
O HOMEM DAS MANGAS.

O COMMENDADOR.—Mais um inferno para os maridos e um paraizo para as mulheres !

D. JAYME, *olhando por onde sahio a Moda.* — Mas que mangas !

(*Ouvindo isto, o Homem das Mangas, que atravessava o theatro com um embrulho debaixo do braço, pára.*)

O HOMEM DAS MANGAS, *a Dom Jayme.*—O senhor está admirado d'aquellas ? Não se admire!

D. JAYME, *voltando-se*. — Porque ?

O HOMEM DAS MANGAS. — Está vendo este embrulho ?

D. JAYME. — Sim.

O HOMEM DAS MANGAS. — São dez metros de seda.

D. JAYME. — Ah ! são dez metros de... (*Cahindo em si.*) E cá estou eu servindo de compadre ! — Olhe, dirija-se ali ao senhor...

O HOMEM DAS MANGAS, *dirigindo-se ao Comendador*. — São dez metros de seda, porque oito não chegaram para um vestido de minha mulher ! Pudéra ! com as mangas que agora se usam !

COPLAS

I

Dos balões voltou a moda,
Mas aos braços applicada !
Se vae n'um bonde assentada
Os visinhos incommoda
Qualquer dama bem trajada !

D. JAYME, *interrompendo-o*. — Creio bem !
Ha dias eu me achei n'um bondinho entre uma
dama que levava uma peça de fazenda nas
mangas e um cavalheiro que lia o *Jornal do
Commercio*. Imaginem o meu supplicio !

II

Que mangas, Virgem Maria !
Mais calções parecem ellas !
São mangas e companhia !
Em cada manga d'aquellas
Cabem vinte... da Bahia !

O HOMEM DAS MANGAS.

III

Por mór destas bugigangas,
Todo o marido que é pobre
Com a senhora tem zangas,
Pois sem haver muito cobre,
Não ha panno para mangas !

E até logo, meus senhores. Queira Deus que estes dez metros cheguem ! (*Sae.*)

SCENA IV

D. JAYME, O COMMENDADOR, PASSEANTES,
depois SANCHO PANÇA, depois DON QUIXOTE.

D. JAYME.— Passa tanta gente e elle não passa !

(*Sancho Pança entra muito assustado e vem metter-se entre os dous.*)

SANCHO. — Meus senhores, acudam-me ! acudam-me !...

OS DOUS. — Que é isto ?

SANCHO.— O senhor D. Quixote está furioso contra mim, Sancho Pança, seu escudeiro ! Quer matar-me ! E tudo isto por causa de uma taboleta ! Elle ahi vem ! Protejam-me !...

D. QUIXOTE, *entrando furioso, de lança em riste.*— Onde está elle ?... Ah ! está ali ! Afastem-se, cavalheiros, afastem-se, que eu vou espetar esse mariola !

D. JAYME.— Meu caro senhor D. Quixote, ignoro que falta commettesse aquelle homem peço-lhe, entretanto, que d' esta vez lhe perdôe.

D. QUIXOTE.— A magnanimidade é apanagio do cavalleiro andante. Perdôo. Perdôo, mas elle que não me torne a levar o seu asno para junto da taboleta !

D. JAYME.— Que taboleta ?

D. QUIXOTE.— A taboleta que se estava pintando para o meu periodico, fundado este anno. O maldito animal esbandalhou-a com meia duzia de coices, derramando parte da tinta sobre a minha mesa de trabalho !

D. JAYME.— Bom. Isso, no final das contas, não é precisamente uma desgraça. Ao senhor D. Quixote de La Mancha não faltam por ahi patifes em quem possa com mais justiça experimentar o ferro da sua gloriosa lança.

D. QUIXOTE.— Vem para casa, villão ruim, —e de hoje em diante muito cuidadinho com o teu asno, senão... !— Cavalheiros, se algum dia precisarem do meu braço, defensor de orphãos e viuas...

O COMMENDADOR.— Obrigado ; eu já não sou orpham.

D. JAYME.— E eu não sou viuva.

D. QUIXOTE.— Moro n'esta mesma rua. Numero 109, sobrado.

OS DOUS.— Agradecido.

D. QUIXOTE, *que ia a sahir, voltando*.— A assignatura para a capital é de 20\$ por anno e 12\$ por trimestre.

OS DOUS.— Bom. (*D. Quixote sac.*)

SANCHO.— Apre, que de boa escapei ! Olhem que sempre é coisa perigosa servir malucos !

D. JAYME.— Elle então é maluco ?

SANCHO.— Pelo menos tem neu... neuras...

(Ao Commendador.) Como se chama essa molestia da moda ? Neuras...

O COMMENDADOR. — Aneurisma ?

D. JAYME. — Que aneurisma ! Neurasthenia.

SANCHO. — E' isso. — Muita galhardia, muita bravura, muita generosidade, não nego, mas tambem muita neurasthenia. Pois não o viram querer castigar na pessoa de um homem de bom senso os delictos de um asno ? Anda a ver malfeteiros em toda a parte ! Se ha muito tempo atacou moinhos de vento suppondo que eram gigantes, hoje é capaz de atacar moinhos de... café. Mas deixem-me ir ter com elle : se me demoro, vae imaginar que estou conspirando ! — Meus senhores, muito obrigado, e adeus.

OS DOUS. — Adeus, Sr. Sancho Pança !

SANCHO, *que ia a sair, voltando-se.* — A assignatura para os Estados é de 24\$ por anno e 14\$ por trimestre. (*Sae*).

SCENA V

D. JAYME, O COMMENDADOR, PASSEANTES,
UM GRUPO DE SOGRAS.

(*As Sogra, representando diversos typos comicos de senhoras de certa idade, entram trazendo cada uma o seu exemplar do « Livro de uma sogra ».*)

CORO DAS SOGRAS

Satisfeitas nos achamos !
Que bellissimo escriptor !
Afimal nós encontramos
Um valente defensor !

Conservemos esta obra
Té que céo nos faça em pó,
Pois o *Livro de uma sogra*
Ser não deve de uma só !

O COMMENDADOR. — Como as senhoras vêm contentes !

1.^a SOGRA. — Pudéra ! (*Agitando o livro.*) Se é a primeira vez que nos fazem justiça !

O COMMENDADOR. — Que obra é essa ?

2.^a SOGRA. — Um romance, o *Livro de uma sogra*. Conhece-o ?

O COMMENDADOR. — Não, senhora... De romances conheço apenas o *Carlos Magno* e a *Maria José, ou a filha que assassinou sua propria mãe*.

D. JAYME, *aparte*. — Este commendador !...

2.^a SOGRA. — E' um romance que nos vinga das impertinencias dos nossos genros e de todos esses jornalistas que entenderam fazer de nós assumpto de pilherias e anedoctas !

3.^a SOGRA. — Vamos promover uma manifestação ao auctor.

D. JAYME. — Eu conheço-o, e... francamente, minhas senhoras, considero-o suspeito...

TODAS. — Suspeito ?

D. JAYME. — Tudo quanto póde haver de mais suspeito.

TODAS. — Porque ?

D. JAYME. — Porque elle... não tem sogra !

TODAS. — Heim ?

D. JAYME. — Só um homem solteiro ou o marido de uma orphan poderia escrever um livro em favor d'essa calamidade social que se chama sogra !

1.^a SOGRA. — Que grande malcriado ! Fosses tu meu genro, patife, e eu te mostraria o bom e o bonito !... Companheiras e amigas, desprezemos as expressões d'este idiota, que naturalmente não teve sogra que o ensinasse, e vamos discutir os meios de manifestar o nosso reconhecimento ao grande romancista !

TODAS. — Vamos !... (*Saem com um motivo do côro.*)

SCENA VI

D. JAYME, O COMMENDADOR, PASSEANTES,
depois O HOMEM DAS MANGAS.

D. JAYME. — Idiota... Ahí está o que ganha quem se mette a compadre de revistas !

O COMMENDADOR. — Uma idéa, meu ex-futuro sogro : se fossemos á Imprensa ?

D. JAYME. — Para que ?

O COMMENDADOR. — Quem sabe se lá não nos dariam noticias do Amoremedo ? Na Imprensa sabe-se tudo !

D. JAYME. — Pois vamos lá ! (*Vão sahindo e encontram-se com o Homem das Mangas.*)

O HOMEM DAS MANGAS. — Sabem, meus senhores ? — foram precisos mais cinco metros ! (*D. Jayme e o Commendador encolhem os hombros e saem*) Queira Deus que cheguem !... (*Sae. Apitos. Grande movimento. O Dr. Antonio, typo de moço distincto, entra perseguido por dous soldados de policia, que o prendem. Agglomeração de povo.*)

SCENA VII

O DR. ANTONIO, DOUS SOLDADOS DE POLICIA, PESSOAS DO POVO.

CORO

Este moço por que é preso ?
Por que vae para a prisão ?
Não parece estar surpreso !
Não tem cara de ladrão !

UM HOMEM DO POVO.

Será certo lente que ha dias tirou
Dos braços do esposo senhora gentil ?

OUTRO.

Será o thesoureiro que facilitou
Na Estrada de Ferro Central do Brasil ?

OS SOLDADOS.

Não ! não ! Enganam-se !
Este demonio
E' o celeberrimo
Doutor Antonio !

TODOS.

O doutor Antonio ? !
Ninguem o dirá !...
Que grande, que enorme gatuno aqui está !...

O DR. ANTONIO,

TANGO

I

Sou um perfeito
Petit crevé ;
Sem rosa ao peito
Ninguem me vê !
Olhem só isto !
Que grande tom !
Eu só me visto
Com o que ha de bom !

Nem uma dobra
N'este *croisé* ;
Vê-se que é obra
Do Raunier !
No mundo inteiro
Vão lá buscar
Um ratoneiro
Mais singular !

CÔRO.

No mundo inteiro etc.

O DR. ANTONIO.

II

Ando pachola,
Trago *lorgnon*,
Uso cartola,
Deito *plastron* !
Bellas botinas,
Ricos anneis,
E luvas finas
De dez mil réis !
E quando venho
De casa a pé,
Polainas tenho
Côr de café !
No mundo inteiro
Vão lá buscar
Um ratoneiro
Menos vulgar !

CÔRO.

No mundo inteiro etc.

(No fim do côro o Dr. Antonio tira um lenço da algibeira e abana-se com elle.)

TODOS, aspirando o perfume do lenço—Um !...
Um !...

DR. ANTONIO.—Skine, de Guerlain. E' o meu perfume favorito ! Oh ! nada me falta ! O meu unico erro foi me ter feito gatuno, em vez de me fazer ladrão. Ah ! se eu fosse um ladrão, outro gallo me cantára !

1º SOLDADO.—Havia de cantar-lhe o mesmo gallo carijó que lhe canta agora !

2º SOLDADO.—Sim, você é um gatuno como os outros !

1º SOLDADO.—Pertence á regra geral !

O DR. ANTONIO.—Não, que, se eu pertencesse á geral, não era perseguido !

2º SOLDADO.—Basta de dar á lingua ! Toca para o xadrez !

O DR. ANTONIO, *olhando com muito interesse para o céu, e apontando.*—Que é aquillo ? Um balão ?...

TODOS, *inclusive os dous soldados, olhando.*—Onde ? Onde ?...

O DR. ANTONIO.—Lá... lá... (*Consegue pôr um homem do povo no seu logar e evadir-se, agachado, em quanto todos procuram com os olhos o balão.*)

O 1º SOLDADO, *reparando.*—Que é isto ? Onde está o Dr. Antonio ?

O 2º SOLDADO.—Fugiu !

AMBOS.—Péga ! Péga ! (*Apitam e saem a correr cada um por seu lado. O povo, que enche a scena, ri ás gargalhadas, e sae pela direita e pela esquerda, enquanto a orchestra toca a toda força um motivo do tango. Mutação.*)

QUADRO VII

Pateo do palacio da Imprensa. A' direita o corpo principal do edificio, com janella praticavel. A' esquerda uma dependencia do palacio. Jardim ao fundo. Scena muito alegre.

SCENA PRIMEIRA

D. JAYME, O COMMENDADOR, depois BASILIO DA GAMA.

O COMMENDADOR.— Aqui estamos no palacio da Imprensa Fluminense.

D. JAYME.— Mas não vejo ninguem que nos receba. (*Vendo entrar do fundo Basilio da Gama.*) Vem ali um sujeito vestido á moda do tempo do marquez de Pombal... Talvez seja o porteiro...

BASILIO DA GAMA, *aproximando-se.*— Estes dois homens serão de casa ?

D. JAYME, *comprimentando-o.*— Bom dia.

BASILIO DA GAMA— Bom dia.

D. JAYME.— O amigo pertence ao pessoal d'este palacio ?

BASILIO DA GAMA.— A mesma pergunta ia eu fazer-lhe. Eu sou visita.

D. JAYME— Tambem eu.

BASILIO DA GAMA.— Procuo a Imprensa Fluminense.

O COMMENDADOR.— Tambem nós. Mas desculpe a minha curiosidade, naturalmente causada pelo seu modo de trajar...

BASILIO DA GAMA.— Vossa mercê deseja saber quem eu sou... Vae ficar admirado : eu sou Basilio da Gama.

D. JAYME, *com um salto.* — Basilio da Gama ? !...

BASILIO DA GAMA. — Sim, senhor.

D. JAYME. — O poeta que escreveu aquelle famoso verso

Tanto era bella no seu rosto a morte ?

BASILIO DA GAMA. — Em pessoa.

(O Commendador encolhe os hombros e vae ao fundo examinar se chega alguém.)

D. JAYME. — E cujo centenario acaba de ser celebrado nesta cidade ?

BASILIO DA GAMA. — Foi justamente o meu centenario que me obrigou a deixar o outro mundo. Venho agradecer á Imprensa Fluminense o ter se lembrado de mim. Não imagina como essa commemoração me surpreendeu e alegrou ! Eu e o meu *Uruguay* estavamos tão esquecidos !

D. JAYME. — Injustamente... injustamente... Mas que quer ? Santos de casa não fazem milagres !

BASILIO DA GAMA, *baixando a voz*. — Aqui para nós que ninguem nos ouve... Quem deu um cavacão solemne foi o Santa Rita Durão ; em 1884 esqueceram-se do centenario d'elle e agora lembraram-se do meu.

D. JAYME. — Será bom tomar nota ... para d'aqui a um seculo.

O COMMENDADOR, *voltando do fundo*. — O' D. Jayme, se nós batessemos ?

BASILIO DA GAMA. — Eu, por mim, não bato ; na minha condição de alma do outro mundo, vou entrando como o villão em casa do sogro. Com licença. (*Sae pela esquerda.*)

SCENA II

D. JAYME, O COMMENDADOR, depois A
IMPrensa FLUMINENSE.

D. JAYME, *olhando para a esquerda, impressionado ainda pela presença do poeta.*—Ora quem diria !... Basilio da Gama !...

O COMMENDADOR.—Deixe-o lá, e tratemos de nós.

D. JAYME, *sem desviar os olhos da esquerda.*—E' um poeta, commendador, um grande poeta !...

O COMMENDADOR — Pois sim, mas não se trata agora d'isso ! (*Bate palmas.*) O' de casa !...

D. JAYME, *voltando-se.* — Que é isso, commendador ? Veja que está n'um palacio !...

O COMMENDADOR.—Pois havemos de ficar aqui o dia inteiro ? Olhe, a idéa não foi má : abriu-se uma janella.

A IMPrensa, *apparecendo á janella.*— Quem é ? Que desejam, meus senhores ?

O COMMENDADOR.—Desejavamos falar á Imprensa Fluminense.

A IMPrensa.—Eil-a aqui em pessoa. Sou eu.

Os DOUS.— Ah ! (*Fazem grandes mesuras.*)

A IMPrensa.—E os senhores quem são ?

D. JAYME.—Este é o commendador Erantomno.

A IMPrensa.—Conheço muito. Como tem passado, Sr. commendador ?

O COMMENDADOR.—Vamos indo, minha se-

nhora, vamos indo para a servir. — Este é D. Jayme.

A IMPRENSA, *franzindo os sobr'olhos*. — E' quem?!...

OS DOUS. — D. Jayme!

A IMPRENSA. — D. Jayme?!... Será possível?!... Não quero recebê-lo!...

D. JAYME, *perplexo*. — Ora essa! Porque, minha senhora?

A IMPRENSA. — Pois não é D. Jayme primeiro?

D. JAYME. — Como D. Jayme primeiro?

A IMPRENSA. — O tal, que pretende estabelecer um reino na ilha da Trindade?...

D. JAYME. — Deus me livre!...

O COMMENDADOR. — Este é D. Jayme, mas não primeiro nem segundo!

D. JAYME. — Eu sou o D. Jayme, sabe? O do jardim da Europa á beira-mar plantado?

A IMPRENSA. — Que está dizendo?!... O D. Jayme das flores d'alma que se alteiam bellas, puras, singelas, orvalhadas, vivas?

D. JAYME. — Esse mesmo, minha senhora!

A IMPRENSA. — Oh! é, n'esse caso, um estrangeiro de muita distincção!... E eu que suppunha... Peço-lhe mil desculpas! Para provar que lhe tributo a maior consideração, vou recebê-lo com todo o pessoal da minha casa. Tenha a bondade de esperar alguns minutos.

D. JAYME. — Ouça, minha senhora... Também cá esteve o defunto Basilio da Gama, que vinha agradecer o seu centenario...

A IMPRENSA. — Que Basilio da Gama?...
Ah ! já sei, o auctor do celebre verso

Tanto era bella no seu rosto a morte !

Isso é um massador ! Aonde foi elle ?

D. JAYME. — Entrou para ali (*Aponta para a esquerda.*), mas vejo que se enganou...

A IMPRENSA. — Não ; não se enganou : encontrará lá dentro um alluvião de jornalistas, que o receberão de braços abertos. Eu desço já. (*Desapparece da janella.*)

SCENA III

O COMMENDADOR, D JAYME, depois A IMPRENSA, O ARTIGO DE FUNDO, O NOTICIARIO, A PARTE COMMERCIAL, O OBITUARIO, O FOLHETIM LITTERARIO, O FOLHETIM-ROMANCE, TELEGRAMMAS, ANNUNCIOS, APEDIDOS, AVISOS, DECLARAÇÕES.

D. JAYME. — E' muito amavel a Imprensa Fluminense ! A' parte aquelle equivoco de me tomar pelo tal D. Jayme primeiro, recebeu-me com muita gentileza.

O COMMENDADOR. — Ora essa ! Se fui eu que o apresentei !

(*Dom Jayme vae responder, mas arrepende-se.*)

D. JAYME, *aparte*. — Qua' grande burro !...

O COMMENDADOR, *que tem subido um pouco e olhado para a direita*. — Olhe, ella ahi vem e por signal que muito acompanhada. (*Musica na orchestra. Entra a Imprensa Flu-*

minense acompanhada pelos seus auxiliares já designados. Durante o côro e a marcha, ella dirige-se a Dom Jayme e ao Commendador, e aperta-lhes as mãos, formando os tres um grupo á esquerda. O Artigo de Fundo, o Noticiario, a Parte Commercial, o Folhetim litterario e o Folhetim-romance formam outro grupo á direita. Os Telegrammas, Annuncios, Apedidos, Avisos e Declarações executam diversas evoluções.)

CORO E MARCHA

Cá 'estão da Imprensa,
Marchando aos pares,
Os prestimosos
Auxiliares,
Com tanto brio,
Que até dão ares
De um contingente
De militares !
Vejam que garbo !
Que bizzarria !
Não ha na tropa
Mais galhardia !
A flor, a nata
Da infantaria
Com tal donaire
Não marcharia !
Sim ! vamos lá ! Marchemos, pois,
Briosamente
A dois e dois !
E ha de por certo toda a gente
Embasbacar
Vendo-nos a marchar !
Cá estão da Imprensa,
Marchando aos pares,
Os prestimosos
Auxiliares !

A IMPRENSA. — Antes de me dizer o que pretende, permitta, meu caro senhor D. Jayme, que eu lhe apresente os meus principaes auxiliares.

D. JAYME. — Oh, minha senhora, com todo o gosto !...

A IMPRENSA. — Em primeiro lugar, o Artigo de Fundo. *A tout seigneur, tout honneur.*

O ARTIGO DE FUNDO, *aproximando-se.* — Saudamos com effusão d'alma o cavalheiro, por tantos titulos illustre, que temos diante de nós. Pudessemos enfeixar n'uma phrase toda a entusiastica expressão do enthusiasmo que se apoderou da Imprensa Fluminense ao saber que aportára ás nossas plagas um dos maiores poetas da raça latina, um poeta que...

A IMPRENSA, *interrompendo-o.* — Basta ! (*A Dom Jayme.*) Se o não interrompo, impingenos tres columnas pelo menos.

D. JAYME, *apertando a mão ao Artigo de Fundo.* — Confesso-me penhorado pelos sentimentos do Sr. Artigo de Fundo.

O ARTIGO DE FUNDO, *com impeto.* — A concordia só se estabelecerá definitivamente entre as nações do velho e do novo mundo, quando...

A IMPRENSA, *interrompendo-o.* — Basta ! Já disse ! (*Apresentando.*) O Noticiario.

O NOTICIARIO, *aproximando-se e falando com volubidade.* — Sim, sou eu, o Noticiario compacto e leve, interessante e sensaborão, profundo e frivolo, que narra tudo quanto acontece e muitas vezes o que não acontece. Eu interesso a todas as classes, porque não ha secção na imprensa diaria que como eu reflecta exactamente a sociedade. Nas minhas columnas ecclecticas encontram-se a banalidade e a dor, a simples occurrencia policial e a noticia de sensação. Ao lado da historia de uma carroça que foi de encontro a um lampeão

de gaz, a narração dolorosa do suicidio de um escriptor de talento ! (*Apertando a mão a Dom Jayme.*) O senhor D. Jayme encontrará em mim um criado sempre disposto a servir-o.

D. JAYME. — Lisongeiame as suas palavras, Sr. Noticiario.

A IMPRENSA, *apresentando.* — A Parte Commercial.

D. JAYME.— Ah !

A PARTE COMMERCIAL. — Eu sou actualmente a secção mais triste da imprensa diaria.

O OBITUARIO, *adiantando-se.* — A mais triste ? E então eu ?

D. JAYME.— Este quem é ?

A IMPRENSA.— O Obituario.

O COMMENDADOR.— E' uma secção muito bem escripta.

A PARTE COMMERCIAL, *ao Obituario.*—Com você já se não conta.

A IMPRENSA. — Effectivamente, o Obituario hoje em dia só figura no *Diario Official.*

O OBITUARIO. — D'antes eu figuravatam bem nas outras folhas, porque occupava pouco espaço... mas como n'esta boa terra tudo augmentou, eu augmentei tambem... e em taes proporções que... que me tornei um trambolho !

A IMPRENSA.— O Thezouro paga o Instituto Sanitario Federal ; é justo que pague tambem a publicação do Obituario.

A PARTE COMMERCIAL. — Considero-me a secção mais triste, porque sou eu que dou todos os dias a esta infeliz população a noticia de que o cambio continúa a não subir.

A IMPRENSA.— Bom. O Obituario já está

apresentado. (*Apresentando.*) O Folhetim-Litterario.

O FOLHETIM LITTERARIO, *approximando-se.* — Seja bem vindo, Sr. D. Jayme ! Infelizmente receio que não lhe agrade a nossa capital, com as suas vielas immundas, os seus casebres, os seus kiosques e o seu jogo dos bichos. Nós estamos ainda tão atrasados, que nem mesmo os jornalistas dispõem de um club ou de um salão onde possam receber qualquer hospede illustre ! A Imprensa não tem, como devia ter, um palacio !

D. JAYME. — Perdão, mas este...

O FOLHETIM-LITTERARIO. — Este é um palacio edificado pela Fantasia... E veja lá se esta senhora (*Aponta para a Imprensa.*) se atreve a convidal-o a ir além deste pateo...

A IMPRENSA. — Está bem ; escusas de assoalhar as nossas miserias ! (*O Folhetim Litterario afasta-se.*) O Folhetim-Romance.

O FOLHETIM-ROMANCE, *approximando-se.* — Naturalmente quer saber o que aconteceu á marquez de Forgerolles...

D. JAYME. — Não faço grande empenho, mas emfim...

O FOLHETIM-ROMANCE. — Depois de receber a carta da condessa de Pierrefontaine, o marquez de Forgerolles sahio do seu palacete do boulevard Saint-Germain, tomou a rua Monge e foi ter á avenida des Gobelins, onde morava o conde de Chateauvieux, que na carta era apontado como o amante da marquez. Effectivamente, os passos do marquez de Forgerolles não foram baldados. Elle viu sua esposa sahir da casa do conde de Chateauvieux e approximar-se de um fiacre mysterioso. O

velho fidalgo levou febrilmente a mão á algibeira e engatilhou o revolver.

D. JAYME.— E depois?

O FOLHETIM-ROMANCE. — Continúa. (*Afastá-se.*)

A IMPRENSA.— Não imagina como o publico se deixa levar por Xavier de Montépin *et reliqua.*

D. JAYME.— O publico é o mesmo em toda a parte.

A IMPRENSA.— Deixei para o fim os meus melhores auxiliares. Parece-me que essa apresentação pôde ser feita por musica.

D. JAYME.— Tambem a mim me parece. (*Aparte.*) Por mais que eu não quizesse servir de compadre de revista...

CANTO

A IMPRENSA, aos *Telegrammas.*

Vamos lá !
Vamos lá !
Apresentem-se já !

(*Approximam-se os Telegrammas.*)

OS TELEGRAMMAS.

Os Telegrammas aqui estão,
Que são,
Pois não,

A mais esplendida secção !
Hoje o publico reclama
Muito e muito telegramma ;
E o telegrapho, na ancia
De mostrar que serve bem,
Entre factos de importancia,
Dá-lhe muitos que a não têm.

(*Afastam-se.*)

A IMPRENSA.

Vamos lá !
Vamos lá !
Apresentem-se já !

(*Approximam-se os Annuncios.*)

OS ANNUNCIOS.

Ora os annuncios aqui estão,
Que são,
Pois não,
A maior força do balcão.
Meus senhores, hoje em dia
Tudo, tudo se annuncia !
Sim, que a toda a gente presta
Bons serviços o balcão,
Até mesmo á dama honesta
Que precisa protecção.

(*Afastam-se os Annuncios.*)

A IMPRENSA.

Vamos lá !
Vamos lá !
Apresentem-se já !

(*Approximam-se os Apedidos.*)

OS APEDIDOS.

Eis as taes publicações
Que a pedido são chamadas,
Porém ficam bem salgadas
E enriquecem os patrões.

(*Afastam-se.*)

OS AVISOS E DECLARAÇÕES, *passando.*

Eis os Avisos e Declarações

(*Repetição de todos os côros.*)

O COMMENDADOR, *ao Folhetim-Romance.* —
Mas diga-me cá... estou morto por saber se o
marquez de Forgerolles matou ou não matou
a marqueza.

O FOLHETIM-ROMANCE.— Só amanha lhe poderei dar essa informação.

A IMPRENSA, a D. Jayme.— Os Apedidos são muito característicos. Só eu, a Imprensa Fluminense, possuo uma secção assim.

O ARTIGO DE FUNDO, *que se tem approximado*.— E' uma coisa escripta por todo o mundo contra todo o mundo ou a favor de todo o mundo. Os sentimentos mais desencontrados ali se expandem: o amor e o odio, a amizade e a malquerença, a admiração e a inveja, o reconhecimento e a ingratição, a resignação e a vingança, a modestia e o charlatanismo.

A IMPRENSA.— Muitas vezes o mesmo individuo é coberto de vituperios e de louvores na mesma columna, em dous artigos separados apenas por um bigode.

O COMMENDADOR.— Por um bigode?...

D. JAYME.— Bigode é gyria de typographia... Quer dizer um filete...

O NOTICIARIO.— E quantas vezes não são os dous artigos escriptos pela mesma penna!

D. JAYME.— Naturalmente os Apedidos poderão mostrar-me n'este momento alguma coisa interessante...

A IMPRENSA.— Não, não creio... isto é: interessam-lhe discussões sobre companhias de seguros?

D. JAYME.— Não, minha senhora; não sou accionista de nenhuma d'ellas.

O COMMENDADOR, *aparte*.— Que diabo será *filete*?

A IMPRENSA.— Interessa-lhe uma discussão entre a vella da Companhia Luz Stearica e a vella da Companhia Industrial de Stearina?

D. JAYME.— A discussão deve ser luminosa, mas não me interessa.

A IMPRENSA.— Interessam-lhe os artigos do conde de S. Sebastião de Jacarandá?

D. JAYME.— Nada tenho com os negocios d'esse titular.

A IMPRENSA, *pensando*. — Interessam-lhe...? (*Com uma idéa.*) Ah! isso deve interessar-lhe!

D. JAYME.— O que?

A IMPRENSA.— O manifesto restaurador.

O COMMENDADOR, *vivamente*.— Ah! isso sim! isso sim! o manifesto restaurador interessa-nos!...

D. JAYME.— Alto lá! Fale por si!

O COMMENDADOR.— Pelo menos a mim me interessa! Eu sou restauradorista!

A IMPRENSA.— O manifesto ha de estar ali entre os Apedidos. (*Aos Apedidos.*) Afastem-se!

(*Os Apedidos afastam-se e apparece entre elles o Manifesto Restaurador, que desce ao proscenio.*)

SCENA IV

Os mesmos, o MANIFESTO RESTAURADOR.

O MANIFESTO RESTAURADOR.

COPLAS

I

Ninguém supponha que eu sou violento.
Ninguém supponha que eu sou feroz!
Eu nada tenho de violento!
Eu nem ao menos levanto a voz!

Manhosamente, sem gritaria,
Sem uma espada, sem um canhão,
Restabeleça-se a monarchia,
Faça-se a bella restauração !

Quem é patriota
Só deseja a paz !
Pela maciota
Tudo aqui se faz...

CORO.

Quem é patriota etc.

O MANIFESTO RESTAURADOR.

II

Esperam todos naturalmente
Que um manifesto restaurador
Seja uma bomba que espante a gente,
Que a toda a parte leve o terror !
Com ar mellifluo, cavalheiresco,
Tudo alcançamos a murmurar :
Meus bons senhores, ponham-se ao fresco,
Queiram ceder-nos esse logar...

Quem é patriota
Só deseja a paz !
Pela maciota
Tudo aqui se faz...

CORO.

Quem é patriota etc.

(*Findo o côro, o Manifesto Restaurador desapparece.*)

D. JAYME. — Não creio que este sujeito consiga fazer o seu filé pela maciota.

O COMMENDADOR. — Eu estou desanimado. E' um manifesto de assucar-candi.

A IMPRENSA. — Oh ! elle bem sabe que não arranja nada. Aquillo é para inglez ver. (*Vendo o Diario de Noticias que entra, moribundo, arri-mado a um bastão.*) Mas não me engano : é o Diario de Noticias !

O COMMENDADOR. — Dir-se-ia um doente que serviu para experiencias no hospital de S. Sebastião !

SCENA V

Os mesmos, menos o MANIFESTO RESTAURADOR e mais O DIARIO DE NOTICIAS.

A IMPRENSA, *indo ao encontro do Diario de Noticias e dando-lhe o braço.* — Que é isto ? Vens á minha procura ?

O DIARIO DE NOTICIAS, *com voz cavernosa e tossindo a cada instante.* — Venho fazer as minhas despedidas.

A IMPRENSA. — Para onde vaes ?

O DIARIO DE NOTICIAS. — Para o outro mundo.

O COMMENDADOR, *aparte.* — Que palacio esquecito ! Uns vêm... outro vão para o outro mundo !...

A IMPRENSA. — Vaes então morrer ?

O DIARIO DE NOTICIAS. — De que me serve o mundo sem assignantes ? A vida de que me serve sem venda avulsa ?

A IMPRENSA. — E as publicações ? e os annuncios ?...

O DIARIO DE NOTICIAS, *sorrindo amargamente.* — Annuncios... publicações... Pois se eu nem artigos de redacção tenho já ! Hoje dei como editorial na primeira pagina o boletim da Santa Casa !

D. JAYME. — Mão agouro !

O DIARIO DE NOTICIAS. — Adeus ! (*Abraça a Imprensa.*) Lembra-te que fui uma folha que te honrei... (*Aos outros.*) A vocês não digo

nada, porque foram todos muito máos para mim ! (*Sae.*)

SCENA VI

Os mesmos, menos o DIARIO DE NOTICIAS, depois a CIGARRA, depois BASILIO DA GAMA.

A IMPRENSA, *commovida*. — Pobre Diario de Noticias ! Tão novo ! Tão bem fadado ! E já fez tão bonita figura ! E' triste... (*Limpa uma lagrima.*)

D. JAYME. — E' um diario de menos. Em compensação, devem ter nascido outros este anno.

A IMPRENSA. — Sim, mas por enquanto ninguem deu por isso. Na imprensa illustrada notaram todos o *Don Quixote*, que é na realidade notavel, e a *Cigarra*, um semanario artistico, verdadeiramente artistico.

A CIGARRA, *que tem entrado*. — Falava-se de mim ?

A IMPRENSA, *depois de beijal-a*. — Falava-se : não morres cedo.

A CIGARRA. — Enganas-te. Venho fazer as minhas despedidas. Vou para o outro mundo.

TODOS. — Oh !

O COMMENDADOR. — Então ? que digo eu ?...

A IMPRENSA. — Mas que estás tu a dizer ? Que idéa é essa ? Tu, tão cheia de talento, de mocidade e de vida !...

A CIGARRA. — Suicido-me.

A IMPRENSA. — Suicidas-te ? Porque ?

A CIGARRA. — O Julião abandonou-me, e eu não posso viver sem elle !

A IMPRENSA. — Isso é uma loucura !

A CIGARRA. — Onde encontrarei outro Julião ? Mato-me ! Bem vê's que tomo esta resolução de cara alegre !...

TODOS. — Oh !...

A CIGARRA.

COPLA

Do Bilac a penna um dia
Tive penna de perder ;
Consolar-me não podia ;
Mas, emfim, pude viver !
Hoje o caso é mais terrível !
Não lhe encontro solução !
Viver mais não me é possível
Sem o lapis do Julião !
O infortunio a mim se agarra,
Mas eu soffro sem chorar,
E, uma vez que sou cigarra,
Morro a cantar !

CÔRO.

O infortunio se lhe agarra
E ella soffre sem chorar ;
E uma vez que ella é cigarra,
Morre a cantar !

A CIGARRA, á Imprensa. — Dá cá um abraço !
(Abraçam-se.) Prompto ! Adeus, rapazes, vou para o outro mundo !

BASILIO DA GAMA, *entrando de muito máo humor*. — Vae para o outro mundo ? Espere, menina, que tem companheiro ! Eu já conheço o caminho !

D. JAYME, á Imprensa. — E' o Basilio da Gama.

BASILIO DA GAMA. — Basilio da Gama, sim ! Basilio da Gama arrependidissimo de cá ter vindo ! Estive lá dentro com um grande numero de jornalistas. Apenas dous me co-

nheciam bem. Uns oito ou dez sabiam que eu era o auctor do famoso verso...

D. JAYME. — Tanto era bella...

BASILIO DA GAMA, *concluindo muito zangado.* — ... no seu rosto a morte! — Mas os outros ignoravam que eu tivesse existido! Um d'elles me confundio com o primo Basilio!... — Vamos, menina, vamos... eu sei o caminho!...

A CIGARRA. — Eu não sou peca em litteratura... Creia que já o conhecia, e que folgo de tel-o agora como companheiro de viagem.

BASILIO DA GAMA. — Obrigado. Vamos. (*Vae sahindo.*) Espere; deixe despedir-me d'aquelle senhor, que sabia quem eu era. (*Aperta a mão a D. Jayme.*) Adeus, meu caro senhor. (*A' Cigarra.*) Vamos! (*Sae de braço dado á Cigarra.*)

SCENA VII

Os mesmos, menos a CIGARRA e
BASILIO DA GAMA.

A IMPRENSA, *a Dom Jayme.* — Poetas por poetas sejam lidos. (*Mudando de tom.*) Agora, é tempo de expor o motivo que o trouxe aqui.

D. JAYME. — Em duas palavras.

O COMMENDADOR. — Não! em duas palavras não é possível...

D. JAYME. — Emfim, em poucas palavras. (*Aparte.*) Quá zebra!... (*A' Imprensa.*) Eu não vim sosinho ao Rio de Janeiro: trouxe comigo minha filha Ajudia, que V. Ex. deve conhecer pelo menos de nome. (*Signal de assentimento da Imprensa. Todos a pouco e pouco vão formando em volta de D. Jayme um grupo curioso.*)

Minha filha, mal chegou, teve a desgraça de se apaixonar por um valdevinos chamado Amoremedo. (*Assobio geral.*) Este assobio é eloquente. (*Continuando.*) E como eu apresentasse á minha filha, como seu noivo, aqui o sr. commendador Eranoutomno... (*Todos fazem: Ah!*) Esse *ah* é significativo. (*Continuando.*)... a pequena perdeu a cabeça e deixou-se raptar pelo namorado (*Todos fazem: Oh!*) Agradeço a expressão de sympathy contida n'esse *oh*. (*Continuando.*) Ella fugiu da casa do pae enquanto este e o noivo tomavam um copo de cerveja no Stadt-Munchen.

O COMMENDADOR. — X, e, m, xem.

D. JAYME. — Tenho empregado mil diligencias para encontral-a. Tudo de balde! Ella a estas horas deve estar longe. (*Cada um estala tres vezes os dedos.*) Comprehendo a intenção d'esses estalos. — Entendi que devia recorrer aos bons officios da Imprensa.

O ARTIGO DE FUNDO. — O assumpto póde ser tratado por mim... O lar sagrado da familia...

O NOTICIARIO. — Alto lá! o assumpto é meu, pertence-me, compete-me! Rapto importante! Desappareceu da casa paterna...

OS ANNUNCIOS. — Nada! nada! faça um annuncio! faça um annuncio!...

OS APEDIDOS. — Qual annuncio!... Venha para as publicações a pedido!

OS AVISOS. — Um aviso! um aviso!...

AS DECLARAÇÕES. — Uma declaração! uma declaração!...

(*Falam todos a um tempo. Algazarra em que ninguem se entende.*)

D. JAYME, *conseguindo dominar a voseria geral.* — Tá! tá! tá!... Não quero artigo de fundo... nem noticia... nem a pedido... nem aviso... nem declaração! Não quero publicidade de especie alguma!

TODOS. — Ora! (*Afastam-se.*)

A IMPRENSA. — N'esse caso, meu caro D. Jayme, para que se dirigio á Imprensa?

D. JAYME. — Dirigi-me á Imprensa porque, sendo o raptor um individuo, segundo me consta, popularissimo, talvez ella me podesse dar alguma informação util.

A IMPRENSA. — Devia ter ido á policia.

D. JAYME. — Pois não lhe disse já que fiz todas as diligencias?

A IMPRENSA. — O seu caso é interessante, mas eu nada lhe posso fazer. Asseguro-lhe que com a publicidade...

D. JAYME. — Isso sei eu, mas quero a todo transe evitar um escandalo. (*Baixo.*) O commendador é um genro que me convém.

A IMPRENSA, *baixo.* — Mas, desculpe-me dizer... a sua menina estava mal guardada...

D. JAYME. — Estava, confesso. E eu devia ter a pedra no sapato: por causa d'ella, em Lisboa, o Vaialtanoite teve um duello com o Eiloquepassa. (*Alto, despedindo-se.*) Bom! nada mais tenho que fazer aqui! Agradeço muito a V. Ex. todas as attencões que me dispensou.

A IMPRENSA. — Ainda um momento. Antes de sahir, peço-lhe que assista ao pequeno bailado do Vende-se, do Aluga-se e do Precisa-se, com que costume regalar as minhas visitas de distincção.

D. JAYME. — Ah! ah! temos bailado?

A IMPRENSA. — Vae ver.

CANTO.

Em honra de D. Jayme aqui presente,
Um bailado se dance promptamente !

D. JAYME.

Venha o bailado !

O COMMENDADOR.

Bem figurado !

CORO.

Dancemos, que a dança
Dá vida e calor,
Trazendo a esperança,
Falando de amor !

SCENA VIII

Os mesmos, VENDE-SE, ALUGA-SE,
PRECISA-SE.

(Vende-se, Aluga-se e Precisa-se dançam um bailado, em que tambem tomam parte os Telegrammas, os Annuncios, os Apedidos, os Avisos e as Declarações. Fimdo o bailado, a Imprensa recebe um telegramma, abre-o, lê e solta um grito. Continúa a musica na orchestra.)

A IMPRENSA. — Ah !

TODOS. — Que foi ?

A IMPRENSA. — Uma dolorosa noticia !

TODOS. — Qual ?

A IMPRENSA. — A litteratura acaba de perder uma das suas maiores cabeças. — Aquella !

(*Aponta para o fundo. Mutação.*) Alexandre Dumas !... (*Todo o fundo da scena, de alto abaixo, é tomado pela cabeça de Alexandre Dumas. A orchestra executa um trecho magestoso.*)

QUADRO VIII

Apotheose a Alexandre Dumas.

ACTO SEGUNDO

QUADRO IX

Sala pobre em casa de Minhalmetriste.

SCENA PRIMEIRA

MINHALMETRISTE, AJUDIA.

(Ao levantar o panno estão ambas cosendo, sentadas, Minhalmetriste á esquerda e Ajudia á direita. No chão, ao pé da cadeira de Minhalmetriste, um cesto de costura. Minhalmetriste canta uma velha modinha qualquer, sem acompanhamento de orchestra, e interrompe o canto, por ouvir um soluço de Ajudia, que chora.)

MINHALMETRISTE. — Que é isso, dona? Está chorando?

AJUDIA, limpando os olhos. — Não, não é nada.

MINHALMETRISTE. — A senhora não arremedeia nada com esse choro desde menhan inté de noite!

AJUDIA. — Que desespero, meu Deus!

MINHALMETRISTE. — A senhora precisa mas é tomá uma resolução. Isto assim não póde continuá !

AJUDIA. — Bem sei que sou aqui pesada...

MINHALMETRISTE. — Não, pesada não é, porque a senhora me ajuda muito nas minhas costura do Arsená, mas eu já lhe tenho dito e arrepetido : não conte com meu irmão, que foi sempre um vagabundo !

AJUDIA. — Não, já não conto com elle... já o não amo... Mas que quer a senhora que eu faça ? Aconselha-me todos os dias a que volte para a casa do papá... Pobre velho ! não ou-sarei jamais apparecer-lhe !...

(Batem á porta da esquerda. Erguem-se ambas de um salto.)

AMBAS. — Bateram !

MINHALMETRISTE. — Ah ! se fosse Amore-medo !

AJUDIA. — Elle ! Ah ! *(Fecha os olhos e apoia-se á cadeira, para não cahir.)*

MINHALMETRISTE. — Espere ! Não desmaie por enquanto ! *(Vae abrir a porta e volta des-consolada.)* Não é elle.

AJUDIA, *com um suspiro.* — Desgraçadamente.

SCENA II

As mesmas, TRANCOSO.

MINHALMETRISTE. — Entre, seu Trancoso ! Seja bem apparecido ! Que bons vento lhe trouxérum n'esta homildé choupana ?

TRANCOSO. — Passei pela sua porta, e, como

não a via ha muito tempo, quiz dar-lhe os bons dias.

AJUDIA. — Vou para o meu quarto. (*Aparte.*)
Pranto, meu pranto, basta já! não mais!...
(*Sae pela direita.*)

SCENA III

MINHALMETRISTE, TRANCOSO.

TRANCOSO. — Quem é esta moça?

MINHALMETRISTE. — Não me fale, seu Trancoso! — Uma desgraçadinha que meu irmão tirou da casa de seu pae!

TRANCOSO. — Oh! isso é serio!

MINHALMETRISTE. — E' mais serio do que o senhô suppõe: a pobre moça foi abandonada aqui na minha casa!

TRANCOSO. — Abandonada!

MINHALMETRISTE. — E' como lhe digo, seu Trancoso. Meu irmão deixou ella nas minhas costa e me escreveu uma carta que... Eu lhe amostrô; está ali n'aquella cestinha de costura. (*Vae buscar a carta, deixando a cesta sobre a cadeira.*)

TRANCOSO. — Muito me conta!

MINHALMETRISTE, *dando-lhe a carta.* — Leia, seu Trancoso.

TRANCOSO, *lendo.* — « Mana Minhalmetraste. — Como sabes, eu sou um pobre diabo sem officio nem beneficio. Fui obrigado a raptar Ajudia, e, como não sou um bilontra, depozitei-a em tua casa. »

MINHALMETRISTE. — Não é um bilontra! Outra coisa não é elle! — Continue, seu Trancoso.

TRANCOSO, *lendo*. — «Juro-te, minha irman, que ella está pura como uma flor.» Estará ?

MINHALMETRISTE, *com convicção*. — Está.

TRANCOSO, *continuando*. — «Eu desapareço d'esta cidade ; ninguém mais saberá de mim. Ella ficará contigo, entregue aos teus cuidados. Pego-te que a convenças de que me deve perdoar e voltar para a casa de seu pae. Teu irmão, — Amoremedo». Porque não foi ella para casa do pae ?

MINHALMETRISTE. — Porque não quiz. Não houve meio. Que vira, que mexe, que se mata se eu não quizer ella aqui em casa !

TRANCOSO. — Porque não a leva a senhora ao pae ou não manda dizer a esse senhor que a venha buscar ?

MINHALMETRISTE. — Porque nem eu sei nem ella me diz quem elle é.

TRANCOSO. — Faça um annuncio !

MINHALMETRISTE. — Uma escandola ? Nunca !

TRANCOSO. — A coisa é seria. Consulte o *Correio do Paiz*.

MINHALMETRISTE. — Sente-se, seu Trancoso, e me diga : que fim tem levado ?... como vão os seus negocios ?...

TRANCOSO, *sentando-se*. — Eu já não tenho negocios ha muito tempo.

MINHALMETRISTE. — Então o que é agora ? O senhor tem sido tanta coisa !

TRANCOSO. — Agora sou mendigo.

MINHALMETRISTE. — Mendigo ?

TRANCOSO. — Repare n'esta roupa.

MINHALMETRISTE. — E' verdade, minha Nossa Senhora ! (*Benzendo-se*.) Credo, cruz, ave-maria ! Um home que tinha tantas casa !

TRANCOSO. — Tinha... e tenho.

MINHALMETRISTE. — Heim?

TRANCOSO. — Mas é preciso accrescentar.
Barco parado não ganha frete.

MINHALMETRISTE. — Que! pois o senhor
é mendigo sem necessidade?

TRANCOSO. — Sem necessidade não, porque
sem necessidade não se faz nada n'este mundo
de Christo. Depois de experimentar quasi to-
das as profissões, observei que no Rio de Ja-
neiro a mendicidade é a que offerece maiores
vantagens...

MINHALMETRISTE. — Devéras?... pois eu
julguei que fosse a de conductô de bonde.

TRANCOSO. — Tambem por lá passei. Não é
má, não é má, mas não chega á outra... E'
uma coisa que está a entrar pelos olhos! Re-
flicta... uma profissão em que não ha impostos a
pagar... nem multas... um emprego que não
obriga o empregado ao ponto, nem o sujeita a
patrões... E a economia de roupa e calçado,
que quanto mais velhos e mais sujos, melhor?
Creia, creia que não ha profissão mais inde-
pendente, nem mais lucrativa! (*Ergue-se.*)

COPLA

Fui creado, fui caixeiro,
Fui vendeiro,
Fui mascate e cobrador ;
Fui secréta, fui cambista,
Fui sachrista,
Fui de bonde conductor ;
Tenho tido numerosas,
Proveitosas
E rendosas profissões.
Consèguindo pôr de lado
Bom punhado
De vintens e de tostões ;

Mas nenhum dos meus empregos
Taes achegos,
Taes proventos me valeu,
Como o emprego de mendigo
Que ao abrigo
Da miseria me metteu !

Olhe, aquelle italiano ali da estação de S. Christovam faz uma media de vinte mil réis diarios !

MINHALMETRISTE. — Um estrangeiro ! Por essas e outra é que eu sou meia jacobina !

TRANCOSO. — Cá eu não ganho tanto, porque não tenho, como elle, um ponto certo, mas sempre faço alguma coisinha... A rua de São Pedro, só ella, aos sabbados, bem batidinha de ponta a ponta, rende uns trinta a quarenta páos !

MINHALMETRISTE. — Se não fosse porque, eu tambem virava mendinga...

TRANCOSO. — Para isso é necessario um geito especial que a senhora talvez não tenha.

MINHALMETRISTE. — A vida está difficel, seu Trancoso ! Se não fosse as costura do Arsená, e os sorvete, que Mulatinho vende todas as noite, eu não sei onde iria pará !

TRANCOSO. — Eu, se não pedisse esmolas, estaria na miseria ! (*Mudando de tom.*) Bom ; vou procurar um inquilino meu que se mudou ali para a rua do Alcantara ficando-me a dever uns dias.

MINHALMETRISTE. — E de caminho vae pedindo a sua esmolinha, heim ?

TRANCOSO, *muito serio.* — Não ; aqui na Cidade Nova, não ! A minha freguezia é toda lá embaixo, no centro do commercio. — Até sempre, dona Minhalmetriste.

MINHALMETRISTE. — Até sempre, seu Trancoso. Se lembre da gente ! (*Trancoso sac.*)

SCENA III

MINHALMETRISTE, depois MULATINHO.

MINHALMETRISTE, *só*. — Mendingo !... Emfim, cada um para o que nasceu. Mas se não fosse coisa que eu visse, não acreditava ! (*Guarda a carta na algibeira.*)

MULATINHO, *entrando com um abacaxi e dous embrulhos*. — Sinhá, tá aqui o gelo e o abacaxi. Custou tudo tres mil e quatrocento. Tá aqui o troco dos cinco mi réis.

MINHALMETRISTE, *guardando o troco*. — Bem. Vae botá isso lá na cosinha e descasca um terço do abacaxi.

MULATINHO. — Um terço só, sinhá ?

MINHALMETRISTE. — Sim ; elle é grande : dá p'ra tres dia.

MULATINHO. — Os freguez vão reclamá.

MINHALMETRISTE. — Que me importa ? Anda ! faz o que eu disse !

MULATINHO. — Sim, sinhá. (*Vae sahindo e volta.*) Ah ! eu trouxe uma grande novidade !

MINHALMETRISTE. — Que novidade ?

MULATINHO. — Tive noticia de nhô Amoremedo.

MINHALMETRISTE, *vivamente*. — Sim ? Sim ? Como ?...

MULATINHO. — Tá em Jacarepaguá.

MINHALMETRISTE. — Em Jacarepaguá ?

MULATINHO. — Sim, senhora ; em casa de seu capitão Bibiano.

MINHALMETRISTE. — Em casa de meu compadre? Quem foi que te disse isso, pequeno?

MULATINHO. — Foi seu capitão Bibiano mesmo, sim senhora. Elle me pediu que não dissesse nada a sinhá, porque nhô Amoremedo não quer que a gente sabe onde elle se meteu; mas eu vejo sinhá tão aborrecida e sinhá dona Ajudia chorando tanto, que não arri-sesto.

MINHALMETRISTE. — Me tiraste um grande peso, Mulatinho! (*Chamando.*) O' dona Aquella! (*Comsigo.*) Vamos agora mesmo á casa do compadre Bibiano.

MULATINHO, *a Ajudia, que entra.* — Não chore mais, sinhasinha; não chore mais, que sinhá tem uma boa noticia p'ra lhe dá. (*Sae pela direita.*)

SCENA IV

MINHALMETRISTE, AJUDIA,
depois MULATINHO.

AJUDIA. — Uma boa noticia! Será possível?...

MINHALMETRISTE. — Já sei onde está meu irmão!

AJUDIA. — Ah! (*Quer desmaiar.*)

MINHALMETRISTE. — Não! não desmaie agora! Que moça esta! Vá botá seu chales e volte. O meu aqui está. (*Cobre-se com um chale que vai buscar ás costas da cadeira.*) Vamos, a Jacarepaguá!

AJUDIA. — A Jacaré...?

MINHALMETRISTE. — ... paguá. E' um ar-

rabalde dos suburdios, que fica fóra da cidade. Foi lá que elle se escondeu.

AJUDIA. — Vamos ! vamos depressa ! (*Sae rapidamente pela direita.*)

MINHALMETRISTE, só. — Ah ! aquelle patife ha de pagá com lingua de palmo !...

AJUDIA, *voltando, envolta n'um chale.* — Estou prompta ! Já o não amo, já lhe não quero, mas não se me dá de ver a cara com que me apparece aquelle monstro ! — E' longe ?

MINHALMETRISTE. — Um pouco. Vae-se pela estrada de ferro.

AJUDIA. — A que horas parte o trem ?

MINHALMETRISTE. — Ah ! isso sim ! Os trem agora não têm hora certa ! Vamos ! (*Vae sahindo e volta, para dizêr a Mulatinho, que entra.*) Mulatinho, podes ir fazendo os sorvete. Se eu não estiver em casa ás ave-marias, podes sabir com a sorveteira. (*Mesmo jogo de scena.*) Lava a sorveteira ! (*Idem.*) Lava as mãos ! (*Idem.*) Vem fechá a porta da rua. — Vamos, dona Aquella !

AJUDIA. — Vamos ! (*Saem ambas pela esquerda.*)

SCENA V

MULATINHO

(*Vae fechar a porta, desce ao prescenio e canta.*)

COPLAS

I

Eu vou lavar a sorveteira,
Enchel-a d'agua até a beira ;

O abacaxi pôr dentro d'ella ;
Partir o gelo em mil pedaços,
E, fatigando embora os braços,
Fazer gyrrar a manivela.

Moleque damnado,
Que vida é a tua ?
Andar apressado
De cá para lá,
Gritando na rua :
Sorvete, sinhá !

II

Quando a fregueza é velha e feia,
Nunca lhe dou a colhér cheia ;
Isto é questão de sympathia,
Pois se, ao contrario, é moça e bella,
Para mostrar que gósto d'ella,
Dou-lhe sorvete e companhia !
Moleque damnado, etc.
(Sae pela direita. Mutação.)

QUADRO X

A praça da Republica, nas proximidades da estação
da Estrada de Ferro.

SCENA PRIMEIRA

PESSOAS DO POVO, depois O COMMENDADOR
D. JAYME.

CORO.

Em côro cantar devemos,
Porque o côro é de rigor...
Alguma coisa cantemos!
Cantemos seja o que fôr !

*(D. Jayme e o Commendador entram, vêm ao
proscenio e cantam.)*

DUETTINO

AMBOS.

Oh ! que massada !
Sim, porque, em summa,
Tres vezes nada,
Coisa nenhuma !

D. JAYME.

Por Séca e Méca
Temos corrido !

O COMMENDADOR.

Com tanta séca
Já estou moido !

D. JAYME.

Quanto arrabalde
Nós visitamos !

O COMMENDADOR.

Tudo de balde !
Nada encontrámos !

D. JAYME.

Dos dous esturdios
Não ha noticia !

O COMMENDADOR.

Nem nos suburbios,
Nem na policia !

D. JAYME.

Onde te escondes,
O' filha amada ?

O COMMENDADOR.

Oh ! quantos bondes !
Quanta estopada !

D. JAYME.

Não sei que alvitre
Tomar devamos !

O COMMENDADOR.

Que grande biltre !
Se o apanhamos !

D. JAYME.

Se o visse agora
Punha-o em postas !

O COMMENDADOR.

Trouxesse embora
Mil guarda-costas !

D. JAYME.

Sinto uma chamma
No peito ardente !

O COMMENDADOR.

Chore na cama,
Que é logar quente !

AMBOS.

Oh ! que massada !
Sim, porque, em summa,
Tres vezes nada,
Coisa nenhuma !...

D. JAYME. — A que horas parte o comboio ?

O COMMENDADOR, *consultando o relógio*. — Temos tempo, temos muito tempo, Mas duvido que consigamos alguma coisa : a informação não é completa e Jacarepaguá é muito grande.

D. JAYME. — Em todo o caso, já é alguma coisa saber que o patife lá está !

O COMMENDADOR. — Se estiver !

D. JAYME. — O meu criado Manoel não mente... Se elle disse que o taverneiro lhe dissera que um freguez lhe tinha dito que o Amoremedo foi visto em Jacaré... Jacaré o que ?

O COMMENDADOR. — ... paguá. Suppuz que o senhor soubesse geographia !

D. JAYME, *continuando e concluindo a phrase.*
— ... paguá, póde mentir o freguez, póde mentir o taverneiro, mas o Manoel, esse affirmo-lhe que não mente.

SCENA II

Os mesmos, UM INGLEZ.

(O Inglez entra muito contente a cantarolar e a dançar ; dá um encontrão no Commendador.)

O COMMENDADOR. — Oh !

O INGLEZ. — Desculpa, senhor ! Mim estar contentissima !

O COMMENDADOR. — Não é motivo para me dar um safanão !

D. JAYME. — Tenho visto muito inglez alegre ; este é o primeiro que vejo contente.

O COMMENDADOR. — E qual é o motivo d'esse contentamento ?

D. JAYME. — Querem ver que o cambio veio a sete ?

O INGLEZ. — Oh ! no ! mim estar contentissima porque presidente de Republica no aceitar arbitramenta em questáo de ilha de Trindade !

D. JAYME. — Essa agora !

O INGLEZ — Voc'mecê fica admirada por mim estar inglez. Oh ! yess, mim estar inglez, mas gosta de faz justiça !

D. JAYME. — Um inglez que gosta de faz justiça ! Que coizas phenomenaes tenho encontrado n'este paiz !

O INGLEZ. — Se presidente aceita arbitramenta, estar vergonhe para Brasil, e mim não quer que fica envergonhade um nação onde mim ganha vida e estar bem tratada !

O COMMENDADOR. — Mister, você estar um inglesmane unica na sua genero !

O INGLEZ. — Oh ! yess ! mim no estar egoista como minhas compatriotas ! (*Sae cantando e dançando.*)

D. JAYME. — Para haver um inglez que assim se pronuncie contra a apropriação da ilha da Trindade, é preciso, realmente, que aquillo seja uma grossa maroteira !

O COMMENDADOR. — Vem ali uma romaria !

SCENA III

D. JAYME, O COMMENDADOR, UM VIAJANTE,
1.^a SENHORA, 2.^a SENHORA, TRES CRIANÇAS,
AMIGOS DO VIAJANTE, PESSOAS DO
POVO,

(*Formam os recém-chegados um grupo de parentes e amigos, todos muito chorosos.*)

CORO

Da penosa despedida

O momento chegou já !

(*Chorando.*) Ah ! ah ! ah ! ah !

Sem correr p'rigo de vida

Não se toma o trem ali !

(*Chorando.*) Ih ! ih ! ih ! ih !

O VIAJANTE.

Porque vieram até cá ?

CORO.

Ah ! ah ! ah ! ah !

O VIAJANTE.

Separemo-nos aqui !

CORO.

Ih ! ih ! ih ! ih !

O VIAJANTE.

Pois lá na estação
A separação
Mais triste será !

CORO.

Ah ! ah ! ah ! ah !

1.^a SENHORA, *abraçando o Viajante.* — Ah, meu marido ! talvez nunca mais nos tornemos a ver !

2.^a SENHORA, *abraçando o Viajante.* — Ah, meu irmão ! quem sabe se não são estes os nossos ultimos abraços ?

O VIAJANTE. — Não chorem ; talvez não aconteça nenhuma desgraça !

1.^a SENHORA. — Olha o bispo de Tripoli !

2.^a SENHORA. — E era bispo !

1.^a SENHORA. — Tu não passas de um simples empregado publico.

O VIAJANTE, *baixo á sua mulher.* — Ia-me esquecendo de te dizer : o meu testamento está na gaveta da commoda, por baixo da caixinha das joias.

1.^a SENHORA. — O teu testamento ! Ai ! meu pobre marido !... (*Choradeira geral.*)

D. JAYME. — O' commendador, esta gente está me desanimando ! Ora queira Deus que o tal Jacaré... Jacaré o que ?

O COMMENDADOR. — Elle sempre ha trens que não descarrilham ! — Paguá.

1.^a SENHORA, *enxugando as lagrimas.* — Sou quasi uma viuva !

2.^a SENHORA. — E estes innocentes uns orphãosinhos em perspectiva !

O VIAJANTE. — Não chorem ! Tenhamos confiança na Divina Providencia !

1.^a SENHORA. — Por falar em Divina Providencia : se nós rezassemos ?

O VIAJANTE. — Bem lembrado ! Rezemos !
TODOS. — Rezemos !

D. JAYME, *ao Commendador.* — Tambem nós, que tambem temos de tomar o comboio.

(*Ajoelham-se todos.*)

PRECE

O' Divina Providencia,
Protectora do Brasil,
Não nos negues assistencia,
Sê piedosa, sê gentil !

O VIAJANTE

COPLAS

I

O caiporismo
Que a mim se agarra,
Manda-me á Barra
Do Pirahy !
O' Providencia,
Meu fado adoça,
Para que eu possa
Chegar alli !

CORO.

Dá que elle possa
Chegar ali !

O VIAJANTE.

II

O' mãe dos fracos,
O' mãe serena,
De mim tem pena,
De mim tem dó !
Se o carro pula,
Se se escangalha,
Faz-se mortalha
Meu guarda-pó !

CORO.

Faz-se mortalha
Seu guarda-pó !

D. JAYME, *erguendo-se e dançando.*

Meus amigos, Deus é grande !
Para longe o cantochão !
Com tristezas ninguém ande,
Pois não salva a situação !

TODOS, *erguendo-se.*

Tem rasão, sim, tem razão !

(*Dança geral.*)

Meus amigos, Deus é grande, etc.

(*O grupo retira-se, dançando, na direcção da Estrada de Ferro.*)

D. JAYME.— Commendador, são horas ?

O COMMENDADOR, *consultando o relógio.*—
Temos muito tempo. (*Ella-elle entra, perseguida por Elle-ella.*)

SCENA IV

D. JAYME, O COMMENDADOR, ELLE-ELLA,
ELLA-ELLE, PESSOAS DO POVO.

ELLE-ELLA.— Alexandrina, vem cá ! At-
tende á voz da rasão !...

ELLA-ELLE. — Deixe-me, senhor... Quero
dizer : deixe-me, senhora !...

ELLE-ELLA.— O' filha, vê que estás dando
escandalo ! Vamos para casa !...

ELLA-ELLE, *collocando-se entre D. Jayme e o
Commendador.* — Meus senhores, protejam-me
contra as perseguições d'aquella senhora !

O COMMENDADOR.— Então aquelle senhor
é uma senhora ? E aquella senhora quem é ?

ELLA-ELLE.— E' meu marido,

D. JAYME.— Que embrulhada é esta ?

O COMMENDADOR.— Ella é seu marido e elle
é mulher ?

D. JAYME, *aparte.*— E cá estou eu a servir
de compadre de revista !

ELLA-ELLE.— Eu casei-me illudida. Sup-
punha que ella era elle e elle é ella !...

O COMMENDADOR.— Oh, diabo !...

ELLE-ELLA.— Não creiam, meus senhores !
Ella perdeu completamente o juizo. (*A D. Jay-
me, cruzando as pernas e tirando uma fumaça do
seu charuto.*) O senhor acha-me com feitiço de
mulher ?

D. JAYME, *depois de examinal-a detidamente.*
— Homem... aqui na rua é muito difficil deci-
dir esta questão !

O COMMENDADOR. — Podemos ir ali ao ho-
tel do Caboclo...

ELLA-ELLE.— Os tribunaes é que hão de decidir !

ELLE-ELLA.— Os tribunaes ? !...

ELLE-ELLE.— Sim, senhora, os tribunaes !

D. JAYME, *aparte*.— Pobres tribunaes !

ELLE-ELLA.— Vejo que a minha presença torna-se ridicula... Pois vá, vá para os tribunaes ! Eu aguardarei longe d'esta cidade a decisão dos juizes !— Meus senhores... (*Sae.*)

O COMMENDADOR, *a Ella-elle, que se tem conservado entre os dous*.— Mas diga-me cá : a senhora quando deu pelo engano ?

ELLA-ELLE.— Esta noite.

D. JAYME.— E ha quanto tempo são casados ?

ELLA-ELLE.— Ha vinte annos.

OS DOUS, *recuando*. — Oh !...

O COMMENDADOR. ... Como se explica então que...

ELLA-ELLE, *com voz de homem*. — Explica-se muito naturalmente : ella é mulher, mas eu sou homem !

D. JAYME. — Oh ! que horror !...

ELLA-ELLE. — E como ficou velha de mais para mim, promovo um escandalo para recuperar a minha liberdade. — Vou ter com o meu advogado ! (*Sae.*)

D. JAYME. — Este sujeito é uma especie de Frégoli !

O COMMENDADOR. — O' D. Jayme, ahi vem a Intendencia Municipal ás voltas com os credores !

(*Entra a Intendencia Municipal perseguida pelos credores.*)

SCENA V

D. JAYME, O COMMENDADOR,
A INTENDENCIA MUNICIPAL, EMPREGADOS,
PROFESSORAS, PESSOAS DO POVO.

CORO

Dona Intendencia,
Vossa excellencia
Deve saber
Que sem ter fundos
Só vagabundos
Podem viver!

A INTENDENCIA.

Tenham paciencia !

CORO.

Dona Intendencia,
Pague, não bufe
E não se arrufe !

Dona Intendencia
Vossa excellencia etc.

A INTENDENCIA. — Já lhes disse que tenham paciencia ! Não me posso transformar em dinheiro !

1º EMPREGADO. — Mas, minha rica senhora, isto assim não póde continuar !

2º EMPREGADO. — Ha dous mezes que não recebemos vintem !

3º EMPREGADO. — Eu já não sei que desculpas dar aos credores !

UMA PROFESSORA. — Mardito o dia em que fiz-me porfessora publica !

TODOS. — Queremos dinheiro ! queremos dinheiro !...

A INTENDENCIA.— Descancem : vou contra-
hir um empréstimo...

TODOS. — Devéras ?

A INTENDENCIA. ... Dentro de oito dias es-
tão todos integralmente pagos !

TODOS. — Isso é verdade ?

A INTENDENCIA. —Tão verdade como haver
Deus no céu !

TODOS. — Viva a Intendencia ! Viva !...

A INTENDENCIA. —Esperem resignados e de
cara alegre. Tristezas não pagam dividas.

CANTO

Alegremente,
Tranquillamente,
Devem os cobres aguardar ;
A um por um hei de eu pagar !
Ninguém mais chore,
Nem se deplore !
Ah ! ah ! ah ! ah !
E' rir, portanto,
E de uma vez deixar
Tristezas para o canto !
Venha a risada !
A gargalhada !
Amigos, a chorar
Não se adianta nada !

*(Repetição pelo côro, que se retira, dando vivas
à Intendencia.)*

A INTENDENCIA, *comsigo*.— Dentro de oito
dias... Esperem por isso ! *(Ao Commendador e a
D. Jayme que se approximam cumprimentando-a.)*
Já lhes disse que serão pagos integralmente.

D. JAYME.— Mas, minha senhora, eu não
sou seu credor...

O COMMENDADOR.— Nem eu... Desejamos
apenas...

A INTENDENCIA.— Não são credores? N'esse caso são pretendentes? Livra! (*Sae a correr.*)

D. JAYME.— Ora ahi está como se escreve a historia! Queriamos apenas comprimental-a!

O COMMENDADOR, *consultando o relógio.*— Estamos quasi na hora. Vamos indo.

D. JAYME.— Vamos! (*Vão sahindo e param, vendo o 1.º e 2.º Criticos, que entram, trazendo quasi á força o Tenor.*)

AMBOS.— Que é isto?

SCENA VI.

D. JAYME, O COMMENDADOR, 1º CRITICO,
2º CRITICO, O TENOR, PESSOAS DO POVO,

1º CRITICO.— Venha! Deixe-se de luxos!...

2º CRITICO.— Queremos decidir esta questão!

1º CRITICO.— E ha de ser já!

CANTO

(Musica do Trovador.)

1º CRITICO.

Meu caro amigo,
Tenha paciencia:
Cante o tal trecho
Do Trovador!

2º CRITICO.

Dirá comsigo:
Que impertinencia!

O TENOR.

Eu não me queixo.

1º CRITICO.

Faça favor!

O COMMENDADOR.

Mas não se espiche!
Cante com arte!

D. JAYME.

Um canto ameno
Vamos ouvir!

O TENOR.

*Madre infelice,
Corro a salvarti!
O teco al meno
Corro a morir!*

1^o CRITICO, a D. Jayme.—O senhor entende de musica?

D. JAYME.—Alguna coisa.

1^o CRITICO.—Que nota é aquella?

D. JAYME.—Um si natural.

2^o CRITICO.—Um bello dó de peito!

1^o CRITICO.—Si natural!

2^o CRITICO.—Dó natural!

1^o CRITICO.—Si natural!

2^o CRITICO.—Dó! Pois se tem quinhentas e oito vibrações!

1^o CRITICO.—Alto lá! — novecentas e noventa!

2^o CRITICO.—Pois então pelo meu calculo mil quinhentas e seis!

1^o CRITICO.—Que diapasão é o seu?

2^o CRITICO.—E' de gaita. (*Puxa e sopra uma gaita.*)

1^o CRITICO.—Esse não é o normal!

2^o CRITICO.—Nem normal o da orchestra do Lyrico, que é de oitocentas e noventa!

1^o CRITICO.—Então, n'esse caso, a, mais b, menos setecentos e quarenta, igual a trinta vibrações simples, mais a metade de um si bemol,

com um bocadinho de dó natural, egual a si e meio e nunca um dó de peito !

D. JAYME. — Que trapalhada !

2º CRITICO — O collega está no mundo da lua ! Dó natural, com tresentas e vinte, e si com quinhentas e oitenta, mais o bemól de dó, misturado com o sustenido de si, dão a média de um dó calante.

1º CRITICO. — Então si subinte.

2º CRITICO. — Isso é tolice !

1º CRITICO. — Tolo é elle, seu mentiroso !

1º CRITICO. — Ferragista !

2º CRITICO. — Praia Grande !

O COMMENDADOR. — Máo ! máo ! máo !

D. JAYME. — Então, meus senhores ?

1º CRITICO — O' Cidade Nova de uma figa, não vês que as ondas sonoras...

2º CRITICO — Quaes ondas sonoras ! Vamos medir as vibrações aqui do sr. Vilalta !

O TENOR. — Per Dio santo !

1º CRITICO — Proponho a sereia.

2º CRITICO. — E' asneira.

1º CRITICO. — Então o sonometro.

2º CRITICO. — E' tolice.

1º CRITICO. — Então o monocordio !

2º CRITICO. — Fóra o monocordio ! Quero as chammas manometricas de Koenig !

D. JAYME. — Mas em que ficam ? E' dó ou si ?

1º CRITICO. — Dó.

2º CRITICO. — Si.

1º CRITICO. — Dó quente.

2º CRITICO. — Si frio !.....

(Estabelece-se uma discussão em que falam todos ao mesmo tempo, D. Jayme e o Commendador tentando apaziguar os dous Criticos.)

TODOS.

*Madre infelice,
Corro a salvarti !
O teco al meno
Corro a morir !*

(Os dous Criticos saem, levando o Tenor.)

D JAYME. — Eu soltei um dó calante !

(Entram Minhalmetriste e Ajudia.)

SCENA VII

D. JAYME, O COMMENDADOR,
MINHALMETRISTE, AJUDIA.

MINHALMETRISTE. — O mallo Amoremedo já tinha azulado de Jacarepaguá ! Roncou-lhe o diabo nas tripas !

O COMMENDADOR. — D. Jayme, vamos tomar o trem, que são horas.

(N'isto, D. Jayme e Ajudia veem-se, soltam um grito e correm a lançar-se nos braços um do outro.)

AJUDIA. — Papá !

D. JAYME. — Minha filha !

MINHALMETRISTE. — Seu pae !

O COMMENDADOR. — Ella ! *(Reconhecendo Minhalmetriste.)* Oh ! dona Minhalmetriste !

MINHALMETRISTE. — Oh ! seu commendadô Eranoutomno ! Ha que tempos não lhe vejo !

AJUDIA. — Meu pae, juro-lhe que estou pura !

MINHALMETRISTE. — Sim, senhô ; tão pura como sahiu da sua casa e entrou na minha. A prova aqui está n'esta carta de meu irmão. *(Dá-lhe a carta de Amoremedo.)*

D. JAYME, *depois de ler rapidamente a carta, passando-a ao Commendador.* — Meu amigo, ella está pura.

O COMMENDADOR. — Acredito. Eu conheço esta senhora... (*Aponta para Minhalmetriste*) e sei que é séria.

AJUDIA, *a D. Jayme.* — Ouça a minha historia, papá: Quando tresloucadamente sahi de casa, eu...

D. JAYME, *interrompendo-a.* — Mais tarde me contarás tudo isso. — Aqui tens o Sr. commendador Eranoutomno: espero que d' esta vez...

AJUDIA. — Não diga mais nada. (*Estendendo a mão ao Commendador.*) Aqui tem a minha mão.

O COMMENDADOR. — Recebo-a como um presente do céu. (*Aparte.*) Barão de Dormeseu-vélo!

D. JAYME. — Vamos todos quatro jantar no Petropolis.

MINHALMAETRISTE, *aparte.* — E os meus sorvete?

D. JAYME. — A' mesa conversaremos. Valeu?
TODOS. — Valeu!

QUARTETTO

TODOS.

Afinal tudo em paz acabou!
Tudo emfim se arranjou!
Um casamento vae haver
Que venturoso deve ser!

A dansar, a folgar, a cantar,
Esta vida é levar!
Pois sem ventura, sem prazer,
Muito melhor é não viver!

Vamos todos incontinente,
Vamos todos, sem mais tardar,
N'um banquete ruidosamente
Esta data commemorar !

D. JAYME.

Vamos lá ! Vamos lá !
Vamos já !

TODOS.

Afinal tudo em paz acabou ! etc.

(Cae sobre o proscenio pannos de espessas nuvens.)

QUADROS XI e XII

Nuvens.

SCENA PRIMEIRA

A FANTASIA

Minhas senhoras e meus senhores, antes de continuar a representação da revista, que está quasi terminada (e ainda bem, porque são horas), peço a palavra para uma ligeira explicação. — Tenho a palavra ? — Bom. — Constou-me que no jardim do theatro, durante o ultimo intervallo, alguns espectadores diziam que a peça é muito extravagante. — Mas necessariamente ! — esta comedia é um sonho, e todos os sonhos são extravagantes. Se o auctor lhe pozesse um pouco de bom senso, aconteceria aos senhores o mesmo que ao dramaturgo do prologo : ferravam todos no somno. — Dada esta ligeira explicação, que não é da peça, porque, se fosse da peça, o auctor a teria escripto em verso, permitam, minhas senhoras e meus senhores, que a representação prosiga.

Musica na orchestra. As nuvens desfazem-se lentamente durante a recitação dos versos que se seguem, e apparece a mesma scena do prologo.)

Já basta de dormir ! No firmamento
Inda refulge a estrella matutina,
E o Corcovado envolve-se, friorento,
No seu *robe-de-chambre* de neblina ;
Mas o operoso sol já se levanta
E esperge a luz doirada e purpurina,
Que as negras sombras ultimas espanca,
Despertando a cidade n'um momento.
O passarinho na gaiola canta.

Começa o movimento !

Começa a animação !

Vê quanta gente ! quanta !...

(Têm desapparecido as nuvens. A Fantasia aproxima-se da cama, onde Carlos dorme.)

Acorda ! acorda !... Então !...

Não ouves ? não respondes !...

Passam carroças, tilburys e bondes ;

Passam familias para o Boqueirão.

Basta ! Vamos ! E' hora !

Vem ver o amanhecer como é formoso

E que formosa luz é a luz da aurora !

Ergue-te, preguiçoso !

Toma da penna leve

E quanto viste no teu sonho escreve.

(Desapparece por traz da cama.)

SCENA II

CARLOS, depois O EMPREZARIO.

CARLOS, *saltando da cama.* — Heim ?... Onde estou eu ?... No meu quarto !... Que sonho ! que longo sonho !... *(Batendo na cabeça.)* E tenho aqui toda a revista !... Posso reconstitui-la e escrevel-a ! Mas não estarei sonhando ainda ?... Será isto realidade ?... *(Ouve-se a voz*

do visinho imitando o Frégoli.) E' a realidade, é! Lá está o maldito visinho a imitar o Frégoli! Como sou feliz! (*Batem á porta.*) Quem será tão cedo? (*Vae abrir; entra o Emprezaario com ares de quem está trasnoitado.*) Ah! é o senhor?...

O EMPREZARIO. — Não imagina o que me aconteceu! De volta da casa da Vicencia de Moura, encontrei um amigo que me desenca-minhou e me levou a uma roleta! Passei a noite inteira a jogar!

CARLOS. — Ganhou?

O EMPREZARIO. — Ganhei sete mil réis. Deixei a tal roleta n'este momento, e, como era obrigado a passar por aqui, não me quiz ir deitar sem cumprir a minha promessa, isto é, subir para perguntar-lhe se fez alguma coisa da revista.

CARLOS. — Fiz tudo!

O EMPREZARIO. — Tudo? Como assim?

CARLOS. — Está aqui toda a peça! (*Bate na cabeça.*)

O EMPREZARIO. — Pensou durante a noite?

CARLOS. — Não pensei; sonhei! A Fantasia appareceu-me em sonhos e fez commigo toda a revista.

O EMPREZARIO, *aparte*. — Estará doido?

CARLOS. — Vou escrevel-a desde a primeira até a ultima scena! (*Com uma idéa.*) Ah! .

O EMPREZARIO. — Que é?

CARLOS. — Agora me lembro! Falta a apothese! Tenho toda a peça menos a apothese!

O EMPREZARIO, *bocejando*. — Isso arri anja-se. A apetheose é o menos.

CARLOS. — Espere-me aqui um instante. Vou tomar o meu banho, fazer a minha toilette, e volto já para descrever-lhe a peça. (*Sahindo contente.*) Como sou feliz !

SCENA III

O EMPREZARIO, depois a FANTASIA.

O EMPREZARIO, *só, bocejando.*—Eu estou mas é com muito somno... Ora a apothese... (*Cahindo sem forças n'uma cadeira*)...a apothese é facil de imaginar... Não resisto... fecham-se-me as palpebras... Se a Fantasia tambem me apparecesse a mim... e se me arranjasse uma apothese... (*Adormece.*)

A FANTASIA, *apparecendo.*— O teu amigo tem rasão : esqueci-me da apothese e esqueci-me tambem de um dos acontecimentos mais importantes do anno : a exposição industrial. Ella fornece-nos pretexto para a mais bella das apotheses : a do Trabalho ! Vê! (*A scena transforma-se. O Emprezario continúa a dormir.*)

QUADRO XIII

Apothese á exposição industrial brasileira de 1895.

